



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO**

**Campus Baixada Santista**

**Curso de Fisioterapia**

Rua Silva Jardim, 136 – Vl. Mathias – Santos/SP – CEP: 11015-020

---



**LUCAS BOVOLIN REIS**

**PERÍODO GESTACIONAL, PARTO E PÓS-PARTO: AS PERCEPÇÕES PATERNAS  
E OS GRUPOS DE APOIO**

**Santos**

**2017**

**LUCAS BOVOLIN REIS**

**PERÍODO GESTACIONAL, PARTO E PÓS-PARTO: AS PERCEPÇÕES PATERNAS  
E OS GRUPOS DE APOIO**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado a Universidade Federal  
de São Paulo como parte dos  
requisitos para obtenção do título de  
bacharel em Fisioterapia.

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Fernanda Flávia Cockell**

**Santos**

**2017**

## **Agradecimentos**

Meus agradecimentos vão primeiramente a Deus, por ter me dado à oportunidade e condição de ingressar na universidade e ter me dado forças de caminhar nesses anos todos de graduação.

Em segundo agradeço aos meus pais e irmãos por todo apoio, amor e carinho para comigo, por ter me ajudado nas minhas dificuldades, pela compreensão e por todo o bem que tem me feito. À minha família que sempre torceram por mim e me incentivavam a cada etapa.

Agradeço à professora Fernanda Cockell pelo aprendizado, pela oportunidade que me deu de estar estudando um assunto pouco abordado dentro do nosso campus, pela sua força e determinação em todos os seus trabalhos, se tornando inspiração para seguir adiante e por ter me abraçado de forma tão carinhosamente.

Ao grupo Partejar, que abriu suas portas para nós, promovendo encontros no espaço para discutirmos questões relacionadas aos pais, gestação, pré-parto, parto e pós-parto, e fazendo com que pudéssemos expandir nosso aprendizado.

Aos pais que contribuíram com as entrevistas, pois sem eles não teria conseguido realizar esse trabalho, que tiveram o comprometimento de tirar um tempo para responder e poder participar dessa pesquisa.

## RESUMO

A gravidez é um evento de grande importância que transforma a vida da mulher em todos os aspectos, devido às mudanças corporais, hormonais e sentimentais que as mulheres passam desde o descobrimento de que está gerando um feto até após o parto e o cuidado com o bebê. Não é apenas a mãe que vivencia grandes transformações, pois as pessoas mais próximas ao seu entorno, bem como o pai do bebê, passam por experiências e expectativas novas que mudam o comportamento dos mesmos. Quando o pai é escolhido como acompanhante no parto e, está presente nos momentos pré-parto e pós-parto, partilhando a vivência, e principalmente dando apoio e suporte, é preciso que ele se informe e busque orientações e conhecimentos necessários, assim como ter espaços de troca com outros pais para dividir suas dúvidas e medos, bem como compreender o processo e as mudanças que podem acontecer. Esse estudo teve como objetivo investigar as principais sensações e experiências do pai acompanhante durante a gestação, pré-parto, parto e pós-parto, a partir do apoio de grupos que visam auxiliá-los e ouvindo seus relatos, através de narrativas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória, na qual foram feitas 10 entrevistas com os pais, com questões semi-estruturadas, e foram construídas suas falas em narrativas. Esses pais foram selecionados a partir da frequência em grupos de apoios e roda de conversas, que ocorreram no grupo Partejar Santista, na cidade de Santos no ano de 2017. O presente estudo procurou discutir as falas das narrativas, baseando-se nos pontos semelhantes e não semelhantes dos processos vivenciados e da percepção dos grupos de apoio. O estudo demonstrou que a participação paterna é fundamental, que participar dos grupos melhora sua relação com a esposa, que os grupos contribuíram para a troca de informações e conversas e que é preciso dar continuidade na pesquisa para avaliar outros espaços voltados aos pais.

**Palavras-Chave: Pais; Paternidade; Poder Familiar.**

## **ABSTRACT**

The pregnancy is a big event importante that transforms the woman's life in all respect, due the changes body, hormony and sentimental that women pass since the child birth that is generating a fetus until after delivery and the care with the baby. It isn't only the mom that experience big transformations, because the people more upcoming arround, as well the father's baby, pass for experiences and news expectancys that change the their behavior. When the father is to chosen as a companion in child birth and is present in the moments prepartum and postpartum sharing the experience and mainly giving holder and support, it's needed that here ported and can search orientation and knowledge required, as have space of exchange with other fathers to divide your hesitation, fears, as to understand the process and the changes that can happen. This study investigated the main feeling and experience of father companion during the gestation, prepartum, childbirth and pospartum, starting of the hope of groups that look assist them and listening their stores through of narratives. It is a qualitative search, descriptive and exploratory, in which was do 10 interviews with the fathers, with semi-structured questions, and were made their speak in narratives. These fathers were selected from the frequency in groups of hold and circle of conversations, that occuredin the group Partejar Santista, in the city of Santos, in the year of 2017. The presente study looked for discuss the speaks of the narratives, based on the similar points and not similar of the process experienced and the perception of the groups of hold. The study demonstrated that the paternal participation is fundamental, that participate of the groups improvement your relationship with the wife, that the groups contributed for the Exchange of information and conversation and that is necessary to continue the research to evaluate other spaces turned to fathers.

**Key words: Parents; Paternity; Parenting.**

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	7
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	10
3. OBJETIVO GERAL .....	16
3.1 Objetivos Específicos.....	16
4. PERCURSOS METODOLÓGICOS.....	17
5.RESULTADOS.....	20
5.1 O espaço.....	20
5.2 Os grupos para pais: espaços em construção.....	21
5.3 Grupos de apoio e paternidade .....	24
5.3.1 Participação paterna durante o ciclo gravídico puerperal: percepções e desafios.....	24
5.3.2 O momento do parto: percepções paternas.....	27
5.3.3 O momento do pós-parto: percepções paternas.....	33
5.3.4 Os grupos de apoio: percepções paternas.....	36
5.3.5 Momentos marcantes no ciclo gravídico puerperal: percepções paternas.....	38
6. DISCUSSÃO.....	41
6.1 Os grupos e a percepção do pesquisador durante as vivências nos grupos .....	45
6.2 Sentidos e vivências dos pais do Partejar Santista .....	47
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	51
8. BIBLIOGRAFIA.....	52
ANEXO 1 – Aprovação no Comitê de Ética.....	55
ANEXO 2 – Carta de autorização do estudo.....	62
APÊNDICE 1 – Entrevista com os pais .....	63
APÊNDICE 2 - TCLE.....	64

## 1. INTRODUÇÃO

O período gestacional é um evento de grande importância na vida das mulheres, pois se inicia uma nova etapa, na qual ela está gerando outra vida. Ela passa por transformações corporais, sentimentais e hormonais, que irá afetar seu estado emocional e seu corpo, e precisará de apoio em vários momentos para que seja encorajada a tomar as decisões necessárias e para que possa gerar, parir e amamentar seu filho sem prejuízos para a saúde física e mental de ambos (PEDREIRA; LEAL, 2015).

A participação do pai acompanhante nessa trajetória, ao longo dos meses, é fundamental para que ele possa também tomar as decisões certas, estimular e apoiar à parturiente. A lei nº 11.108, de 7 de abril de 2005 assegura a presença de acompanhante durante o trabalho de parto, parto e pós-parto imediato (BRASIL, 2005). Para tanto, é necessário que se tomem maiores iniciativas públicas para informar o pai acompanhante sobre os processos de gestação, pré-parto, parto e pós-parto, para incentivar programas ou grupos de apoio que convoquem os pais para participarem de rodas de conversas, treinamentos de técnicas para o parto, orientações sobre o pós-parto, sobre a importância do aleitamento e também como lidar com o seu emocional e de suas companheiras e das responsabilidades de se tornar um cuidador, numa perspectiva de gênero.

Estudos recentes mostram que há um movimento crescente em favor dos pais como atores ativos na gestação (MOTTA, 2005; PERDOMINI; BONILHA, 2011), para que eles participem das decisões reprodutivas e de todas as fases da gestação, o que aumenta o vínculo afetivo com suas parceiras e filhos e co-responsabilidade. Caso contrário, a paternidade, mesmo entre aqueles que reconhecem seus filhos, pode só se tornar concreta quando a criança nasce ou mesmo quando ela já está mais crescida. Por outro lado, muitos homens de diferentes idades demonstram desejo de participar ou efetivamente participam em todos os momentos da gravidez, desde a decisão compartilhada de ter um filho, passando por todas as fases da gestação, até o desenvolvimento da criança (UNFPA; INSTITUTO PAPAI, 2007).

A Coordenação Nacional de Saúde do Homem tem feito diversas ações, como campanhas, elaboração de materiais educativos, seminários, e capacitações voltadas à valorização da paternidade consciente, fazendo assim uma sensibilização de homens e mulheres sobre o tema (BRASIL, 2016). Há ações que ressaltam que o pai é importante na educação de seus filhos, e que esse papel tem uma complexidade grande, e que vai além da visão de que ser pai é apenas fazer o filho e não ter participação em seu crescimento.

É preciso estimular e incentivar os pais a participarem das fases que permeiam uma gravidez, desde o teste de gravidez, pré-natal, o parto e pós-parto, dando a eles tarefas significativas e visibilidade ao tema cuidado paterno. Esclarecer a respeito dos direitos dos pais, como a licença paternidade, de 5 dias, atentá-los para o a importância do registro civil e sobre a lei do acompanhante que tem por intuito a participação do homem durante todo o trabalho de parto e parto ajudando à sua parceira, e no pós parto estimulando e favorecendo a amamentação de sua parceira, bem como auxiliando no cuidado a criança.

A Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH) do Ministério da Saúde busca, por exemplo, incentivar o pré natal dos pais, com o logo “Pai, uma nova vida depende de você”, ainda que na prática, não faça parte da rotina das unidades de saúde. Seriam necessários horários alternativos para os grupos, uma vez que grande parte dos pais não conseguem liberação do trabalho para acompanhar a gestante no pré-natal e tem apenas uma semana de licença-paternidade após o parto para acompanhar mãe e filho. Cabe destacar que, a partir de janeiro de 2017, a licença-paternidade pode ser ampliada para 20 dias, se a empresa em que o pai trabalha estiver vinculada ao Programa Empresa Cidadã do governo federal (BRASIL, 2016).

Há também uma preocupação quanto à importância da reflexão sobre as construções sociais de gênero voltadas à masculinidade, que afastam os homens do cuidado, do afeto e da construção de vínculos mais equiparados e humanizados em suas parceiras sexuais e afetivas. Para isso, tem-se a discussão sobre os diversos arranjos familiares existentes e as diferentes possibilidades de vivenciar a paternidade, como pais solteiros, adolescentes ou idosos, homossexuais ou até mesmo aqueles que desempenham essa função paterna (tios, avôs, amigos) (BRASIL, 2016). Tem se enfatizado que o momento da gestação e os cuidados posteriores com as crianças também devem ser aproveitados para valorizar os modelos de masculinidade, o que engloba a cooperação, o diálogo, o respeito, o cuidado, a não violência e as relações de gêneros.

Ribeiro e colaboradores (2015) fizeram considerações frente às mudanças sociais. Para os autores, há uma idealização de um “novo” pai, que – para além da redução ao papel de provedor da família– assuma, de forma flexível e igualitária, o cuidado com o filho e com sua parceira. Para isso eles idealizam que é importante que se leve em conta a paternidade em novos arranjos familiares.

Os estudos encontrados sobre grupos de apoio a gestação trazem, principalmente, a percepção da mãe (ALVARENGA *et al.*, 2016) ou a visão do casal (MAGNONI REBERTE *et al.*, 2010), sendo pouco aprofundadas as vivências dos pais durante o ciclo gravídico



puerperal (SILVA; SILVA *et al.* 2009; MAGNONI REBERTE *et al.*, 2010), com maior número de referências sobre o trabalho de parto e não aos grupos de apoio.

Desta maneira, esse estudo tem o intuito de pesquisar as percepções do pai acompanhante (CASTOLDI, 2002; PICCININI *et al.*, 2004), durante o processo de pré-parto, parto e pós-parto, dando maior visibilidade da importância do pai acompanhante durante todas as etapas, para que seja expandido a um grupo maior de pais, e que estes sejam informados e apresentados, a um universo que não é apenas vivido por mulheres, mas que homens também vivem juntamente com suas mulheres/parceiras/companheiras. Portanto, a paternidade deve ser vista como uma função que se atribui, de forma relacional, a um membro que integra o casal, independentemente de ser homem ou mulher.

## 2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A participação do homem na gravidez o faz sentir-se parte do processo, o que possibilita relações menos conflituosas também com a esposa, refletindo na qualidade da vida conjugal. A esse respeito, pode-se afirmar que os pais mais participativos emocionalmente à gestação estariam mais predispostos a reagir adequadamente às necessidades de apoio e compreensão de suas esposas. Atualmente, os companheiros querem participar do processo gestacional, estar presente na hora do nascimento de seu bebê, dispensar cuidados a ele tanto quanto a mãe e, se possível, amamentá-lo (ÁVILA, 1999; PICCININI *et al.*, 2004).

Alvarenga *et al.* (2016) procuraram investigar os marcadores de depressão de mães e suas percepções sobre a participação do pai, onde foi feita uma entrevista estruturada sobre o envolvimento paterno. A depressão materna pode acontecer durante qualquer período do pós-parto, sendo que a participação do pai auxilia para que o desenvolvimento infantil não seja tão afetado, protegendo contra problemas emocionais e comportamentais na infância. Essa participação faz com que os efeitos causados pela depressão materna sejam revertidos através desse cuidado paterno. A relação entre envolvimento paterno e depressão materna indica maior apresentação de sintomas de depressão pós-parto no trigésimo mês de vida da criança, ocorrendo maior disponibilidade paterna. Isso significa que os pais demonstraram maior envolvimento em cuidados e atividades com a criança em contextos em que as mães deprimidas solicitavam ou sinalizavam de alguma forma a necessidade de auxílio.

De acordo com Silva *et al.* (2009), a gestação é um evento importante nas vivências familiares, com grandes repercussões na constituição da família e na formação de laços afetivos entre seus membros, principalmente dos pais com os filhos. O período gestacional é de grande importância para o desenvolvimento do ser humano e a gestação transforma todo o meio familiar e suas relações, bem como no corpo da mãe, seu estado psíquico e as expectativas, planos e projetos em constituir uma família.

Tanto o pai quanto a mãe tem como missão construir um cuidado afetivo na qual irão proteger e amparar a criança que está por vir. Os quesitos precisos para essa construção são: presença, inclusão, promoção da vida e bem-estar, proteção e orientação para a vida (SILVA *et al.* 2009). A emoção está presente sempre na vida dos seres humanos, no que condiz a suas vivências e experiências, relacionadas às reações do estado emocional, mas também pode estar relacionada à afetividade, em que a pessoa sente para si suas vivências e experiências causadas pelos meios externos e internos.

Assim a afetividade consegue agrupar as respostas do corpo, as emoções e os significados que despontam, gerando qualidade ao relacionamento que ele estabelece consigo mesmo, com os outros e com seu meio, que dificilmente podem ser mensuradas, devido à complexidade dos afetos estabelecidos.

A vivência é tecida em meio a uma atmosfera de valores, significados, expressões, ideias e ideais concebidos pelo ser humano em suas relações subjetivas e intersubjetivas no mundo (SILVA, 2009, p. 394).

A gravidez é um evento que interfere no vínculo entre o homem e a mulher, com fortes influências em seus relacionamentos, os aproximando mais e reforçando seus papéis dentro da estrutura familiar, além disso, é um fator de integração familiar. No entanto, pode vir a causar desestruturação em um relacionamento não firmado, e então “a mulher, durante a gestação, elabora culturalmente um sentimento de proteção e de amparo na presença da figurapaterna” (SILVA, 2009, p. 396). Segundo Silva (2009, p. 399):

O pai também pode ter participação ativa com o seu corpo nesse processo. [...] como a preocupação em ‘estar junto’ e, por conseguinte, suas próprias sensações de desconforto compartilhadas com as de sua esposa. Sua presença nos momentos de dificuldades reflete sua tentativa de ajudá-la a superar. Atualmente, o homem participa e se envolve mais ativamente no período gestacional da companheira. Ele vem se fazendo mais comprometido no ciclo gravídico-puerperal, pelas mudanças de comportamento. Então, dependendo da relação afetiva que exista entre o casal, o homem-pai pode vivenciar a gravidez com intensidades variadas, levando-se em consideração sua própria personalidade, a imagem cultural da masculinidade, como ele encara sua transição de papel (de companheiro e filho para pai) e o seu próprio contexto familiar. Assim como a mulher, ele também pode vivenciar importantes alterações em seu cotidiano.

Pesamosca *et al.* (2008) ressaltam que nas últimas décadas tem-se evidenciado um grande crescimento da iniciativa do homem em participar do pré e pós-natal juntamente de sua companheira, pois como ele não pode ter as percepções de sentir diretamente o desenvolvimento do bebê dentro de si, tem procurado se fazer presente de diversas formas, entre elas: tocar a barriga de sua companheira; mostrar preocupado e atento as alterações no corpo da mulher; mostrar compreensivo com as oscilações de humor; e procurar ao máximo possível participar das consultas para acompanhar o crescimento do bebê através dos exames de imagem.

Silva e Lemos (2014) afirmam que a participação total do homem na gestação de sua companheira é uma situação ideal, mas que encontra obstáculos, uma vez que os serviços de saúde não fornecem informações e não esclarecem dúvidas aos pais sobre o processo de gestação e de parto para facilitar a conciliação entre o significado histórico da masculinidade e as exigências que a paternidade na atualidade requer. Além disso, é preciso maior incentivo

dos profissionais de saúde para que ocorra a inclusão paterna no cenário do contexto gestacional. Cabe aos profissionais incentivarem a importância da sua participação também no parto, eliminando os mitos e preconceitos, através da divulgação de informações sobre o contexto da gravidez e do parto e, assim, contribuir em forma de apoio e segurança para a companheira, além de oportunizar ao homem a construção de sua imagem como pai.

De acordo com Motta (2005) considera a figura do pai essencial durante o pré-natal. Ele ressalta que proporcionar ao pai a oportunidade de participar desse processo junto a sua companheira e filho, estimula o vínculo precoce pai-bebê, e garante a tranquilidade da gestante para que essa possa encarar a gravidez como algo normal.

Uma forma de aumentar a participação paterna seria os serviços oferecerem grupos de pré-natal, exclusivos para os pais ou junto com suas companheiras. De acordo com os estudos revisados, os grupos podem ser definidos como um conjunto de pessoas específicas, que estão ligadas durante um período de tempo e espaço, articulada de forma interna, que tem a proposta de uma tarefa que constitui uma finalidade, segundo Pichon-Rivière (2000). Para se caracterizar um grupo é necessário que os integrantes estejam reunidos em torno de um interesse comum, para que se haja uma forma de interação afetiva entre esses participantes, dessa forma estabelecendo um vínculo entre eles (ZIMERMAN, 1997).

Ávila (1999) afirma que os grupos de gestantes promovem a educação em saúde, com o objetivo de preparar a mulher e o companheiro para o processo gestacional, na qual tem a oportunidade de se autoconhecerem, expressando o que sentem e sanando suas dúvidas relativas ao momento que estão vivenciando. O processo educativo em relação à promoção da saúde dá-se de forma individual ou grupal. A participação em atividades grupais com pessoas que vivenciam o mesmo processo favorece a aprendizagem e o desenvolvimento pessoal, por meio de trocas de experiências que lhe são comuns, onde tanto as gestantes como seus companheiros podem expor suas dúvidas, medos e anseios. Os relatos das experiências e preocupações fazem com que os pais entendam melhor dos fatos que estão ocorrendo com eles naquele momento e recebem informações sobre o fenômeno gestacional. Esse conjunto de fatores contribui para a diminuição do medo, para a redução da ansiedade, possibilitando às gestantes e a seus companheiros vivenciarem de forma mais tranquila, segura e saudável o processo de nascimento (SAID *apud* ZAMPIERI, 2003; VIÇOSA, 1997; BUZZELLO; JESUS, 2004).

Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2006), os temas centrais nos grupos são: amamentação, alimentação da mãe e bebê, sexualidade, planejamento familiar, cuidados com

a gestação e seus desconfortos, parto, pós-parto, cuidados com o bebê e formação da nova família.

É importante que se ampliem os conhecimentos da mulher e de seu acompanhante nos grupos, possibilitando a descoberta de como se cuidarem e cuidarem do bebê, mostrando as várias posições do parto e locais para realizá-lo, de forma a não induzi-los, pois o grupo não tem essa finalidade. A proposta é preparar a gestante e acompanhante emocionalmente para serem pais, facilitando que expressem os sentimentos e temores em relação ao filho e aos seus cuidados. Além do compartilhado com as outras gestantes, familiares e profissionais de saúde devem seguir o senso materno e paterno, deixando que o sentimento de amor se exteriorize e reforce os laços com o filho (ÁVILA, 1999).

Segundo o estudo de MagnoniReberte *et al.* (2010), foi constatado que os pais tem a necessidade de maior atenção em relação as diversidades de sensações a respeito do pós-parto. Os autores acreditam que “a participação em grupo educativo no pré-natal proporciona um envolvimento ativo dos homens com a gravidez” (MAGNONI REBERTE *et al.*, 2010. p. 106). Com isso, os autores verificaram que os pais que participaram das atividades de educação durante o período gestacional apresentaram comportamento melhor com o cuidado a saúde. Existe a recomendação de que o homem deve participar dos grupos, porém ainda assim eles permanecem excluídos. Através dessa troca de experiências, as conversas, ensinamentos e participação, o homem torna-se importante durante o processo de gestação, parto e pós-parto, contribuindo com sua esposa tanto na parte psicológica/emocional, quanto nos afazeres do dia a dia.

De acordo com as reflexões de Salci (2013), a educação em saúde é uma importante ferramenta da promoção de saúde para os profissionais da área. Todos os momentos que envolvem interação com e entre as pessoas usuárias dos serviços de saúde, devem ser considerados o desenvolvimento de ações de educação em saúde. Para isso destacam-se: consultas, procedimentos técnicos, ações da assistência, ações coletivas como os grupos, salas de espera e outras não tão formais, mas onde existe possibilidade de estabelecer o diálogo. Para que essas ações educativas sejam efetivas e relevantes, é necessário ainda, resgatar os princípios da comunicação, informação, educação e escuta qualificada.

A promoção em saúde é um dos fatores a ser questionado como ressaltado por Salci (2013), lembrando a junção de educação e promoção. O Ministério da Saúde (2000) diz que as atividades educativas (pelas quais as gestantes constituem o foco do processo de aprendizagem) a serem realizadas em grupo ou individualmente devem conter uma linguagem clara e compreensível, a fim de promover orientações gerais sobre os cuidados na gestação,

alterações fisiológicas e emocionais, cuidados com o recém-nascido, amamentação e planejamento familiar, respeitando a cultura e o saber popular para minimizar suas dúvidas, medo e ansiedade no momento do parto.

Rios e Vieira (2007) acreditam que a realização de ações educativas no decorrer de todas as etapas do ciclo grávido-puerperal é importante, no entanto é no pré-natal que a mulher deverá ser melhor orientada para que possa viver o parto de forma positiva, integradora, enriquecedora e feliz, além de ter menos riscos de complicações no puerpério e mais sucesso na amamentação. Sendo o pré-natal e nascimento momentos únicos para cada mulher e uma experiência especial no universo feminino, é importante para os profissionais de saúde assumir uma postura de educadores que compartilham saberes, buscando devolver à mulher sua autoconfiança para viver a gestação, o parto e o puerpério.

Ainda que poucos estudos mostrem a importância das ações educativas para os pais, acredita-se que os achados de Rios e Vieira (2007) possam ser uns investigados para os pais participarem. Wânglia e Ana (2007) afirmam que a participação nas consultas do pré-natal constitui uma oportunidade para os pais se sentirem mais próximos do bebê através de seu desenvolvimento e formação visualizados em exames de imagem, ouvindo-lhe os batimentos cardíacos, como forma de materialização da criança, e sem essa vivência, essa materialização apenas se fazia por meio de informações obtidas pela mãe.

Costa (2002) revela que alguns homens possuem o desejo de ajudar à sua companheira, acompanhando-a somente na realização dos exames complementares e de imagem, já que consideram importante acompanhar o crescimento da barriga e a movimentação do feto e participar da preparação do ambiente físico da casa e enxoval para receber seu filho. Há alguns fatores que interferem diretamente na participação ou não de pais no período gestacional e principalmente das consultas, segundo Alexandre e Martins (2009), que se dá pela coincidência do horário de trabalho com o horário da consulta, e como sabemos, na lei não consta nada que defenda a autorização do homem para participar/acompanhar sua companheira em consultas caso esteja grávida.

Silva e Lemos (2014) estudaram que independente da idade, nível de escolaridade e estado civil, os pais desejam participar do ciclo da gestação. Observa-se que esta participação desperta no futuro pai os mais diversos tipos de sentimentos positivos e negativos, sendo os positivos os mais referidos.

Oliveira e Silva (2012) dizem ainda que, quando o homem tem a oportunidade de vivenciar todo o processo da gestação até o nascimento, valoriza muito mais sua companheira reconhecendo que este processo exige de sua mulher um imensurável esforço e dedicação,

bem como a ciência do seu papel de apoio durante o trabalho de parto e como alguém capaz de proporcionar a ela suporte, apoio e segurança, sendo este empenho reconhecido e aprovado pelas mulheres.

Vem sendo observado, pelos profissionais de enfermagem, que durante as consultas de pré-natal, a maioria dos pais manifesta interesse em participar da gestação, parto e puerpério. Segundo Silva e Lemos (2014), é percebido que enfermeiras do centro obstétrico tem feito o possível para favorecer a presença do pai durante o parto, mas a equipe médica geralmente se nega em promover essa participação, mesmo em situações de baixo risco, principalmente nos serviços públicos de saúde. É visto também que existe a falta de comunicação entre o companheiro e a equipe de saúde quando a requerer essa tal participação, gerando transtornos para mãe e para a relação do pai-mãe-filho.

O autor Motta (2005) aponta que o parto é o ápice de muitas tensões e anseios que se acumularam durante nove meses de gestação. O acompanhamento durante o trabalho de parto sugere a existência de uma relação de solidariedade, entreajuda e reconforto psicológico, determinante no sistema interativo da tríade mãe/pai/filho, por isso a importância do homem nesse momento.

A literatura aponta sobre a importância do pai em todo o ciclo gravídico-puerperal e os grupos de ações educativas um caminho de aproximação e promoção à saúde. Desta maneira, os poucos estudos mostram a necessidade de avaliar os grupos de pais e compreender, a partir da percepção deles, como percebem sua participação e como os grupos contribuíram ou não no ciclo gravídico-puerperal.

### **3. OBJETIVO GERAL**

Esse estudo tem o intuito de pesquisar as percepções do pai acompanhante, durante o processo de gestação, pré-parto, parto e pós-parto, através dos relatos de suas experiências e vivências.

#### **3.1 Objetivos Específicos**

- Compreender a participação e engajamento do pai acompanhante no pré-natal, barreiras e facilitadores.
- Compreender a participação e engajamento do pai acompanhante no parto, barreiras e facilitadores.
- Compreender a participação e engajamento do pai acompanhante no pós-parto, barreiras e facilitadores.
- Compreender os motivos e razões que levaram aos pais buscarem o grupo de apoio.



#### 4. PERCURSOS METODOLÓGICOS

O presente estudo é um estudo descritivo-exploratório, de forma aberta e de natureza qualitativa para investigar as percepções do pai acompanhante, durante o processo de pré-parto, parto e pós-parto, através dos relatos de suas experiências e vivências. Diante deste universo amplo e complexo de investigação, a pesquisa qualitativa mostra-se mais adequada, pois, devido ao seu caráter mais interpretativo, possibilita alcançarmos de maneira mais aprofundada e abrangente o problema delineado (MINAYO, 2004).

Para a realização do projeto, foi realizada primeiramente uma extensa revisão bibliográfica sobre os temas: paternidade, cuidado parental, parto e acompanhante, grupos de educação e apoio. Após a revisão foi feita a coleta de dados, através de entrevistas semi-estruturadas, com respostas abertas (APÊNDICE 1), com objetivo de conhecer as experiências, relações, histórias e percepções dos pais, do que vivenciaram e sentiram, transformando suas falas em narrativas. Trata-se de uma técnica de investigação qualitativa na qual o tamanho da amostra não será grande, pois depende do número de pais que participaram de pelos menos um encontro presencial.

Nas pesquisas das áreas sociais e humanas em saúde, o contexto sócio-histórico é de grande importância, podendo ser levado em conta também que o pesquisador é um agente ativo na investigação (WIITKE, 2010). Isso é possível na medida em que o mediador transforma sua prática em um exercício constante de investigação, com vistas a construir o saber. Ainda de acordo com a autora, "a pesquisa qualitativa procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto". Além disso, a coleta de dados não pode embasar-se puramente em processo intuitivo – mesmo reconhecendo que a visão do observador interfere e recebe interferência do contexto em que está inserido –, mas deve contar com observações sérias, precisas e bem fundadas, via registros bem estruturados. Nessa perspectiva, o pesquisador não é um investigador passivo, mas um agente ativo, que interfere na construção da realidade que o cerca.

A pesquisa foi autorizada previamente pela coordenação do espaço (ANEXO 2). A participação nos grupos de apoio foi registrada através de diários de campos, logo após a coleta de informações, para que houvesse um detalhamento do encontro sem que se perdesse a descrição, as percepções e a linha de raciocínio dos participantes.

Para recrutar os pais participantes, foi utilizado uma publicação no grupo *parto e acompanhante* no aplicativo *facebook* para que se conseguissem seus telefones através das companheiras integrantes da página. Em seguida foi criado um grupo com todos os recrutados no *whatsapp*,

convidando-os a participar do estudo, explicando o intuito da pesquisa e todas as informações que seriam necessárias. Dos que foram contatados todos concordaram em participar da pesquisa, porém para marcar as entrevistas foi mais difícil pelo fato do trabalho, a correria e a disponibilidade.

Como havia essa dificuldade, mudamos a estratégia para ser escrita ou por áudio, mesmo assim permaneceu a dificuldade em reservar um tempo para responder, dessa forma toda semana tinha que lembrá-los de responder, mas mesmo assim não respondiam. Quando estava próximo do prazo de finalização foi realizado novo contato para que respondessem e participassem do estudo. Apenas um dos contatos nesse momento avisou que não participaria e o outro não respondeu ao contato. Um total de doze pais frequentadores do grupo de apoio “Partejar” da cidade de Santos no ano de 2017 foram convidados.

Após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE 2), dez pais foram entrevistados, sendo: dois presenciais com áudio, um por áudio via aplicativo de comunicação e sete por texto (três enviaram por e-mail e quatro mandaram por aplicativo de comunicação). Duas entrevistas foram gravadas e os áudios transcritos literalmente, buscando guardar as expressões e sentimentos das falas quando possível. Todos os nomes utilizados serão fictícios, sendo escolhidos nomes de jogadores de futebol.

O roteiro continha nove questões que abrangia o assunto da gestação, pré-parto, parto, pós-parto, o grupo de apoio e as suas percepções. As duas entrevistas presenciais foram previamente marcadas com cada um deles, de acordo com sua disponibilidade de data e hora. Antes das entrevistas, era explicado sobre o termo de consentimento livre e esclarecido, que a qualquer momento eles podiam deixar de participar da pesquisa. Em seguida era brevemente explicado sobre o questionário e a forma como seria conduzida a entrevista.

A partir desse momento ocorreram conversas sobre os assuntos, onde apenas eram inseridas as questões previamente formuladas. A fala de cada um era livre para poder se expressar, exemplificar e explorar aquilo que mais achava pertinente. A maioria dos pais conseguiu relatar toda a sua vivência e todo o sentimento que realmente os tocava.

Para os participantes que enviaram por e-mail e *whatsapp*, foi explicado anteriormente sobre o termo de consentimento livre e esclarecido, que a qualquer momento eles podiam deixar de participar da pesquisa. Em seguida foi explicado sobre o propósito da pesquisa, a liberdade dos relatos e como que enviaria o questionário.

A partir das coletas das entrevistas, foi feito a transcrição dos áudios, visando buscar cada detalhe de suas falas, percepções e opiniões, foi realizado a formatação dos textos

enviados, para que tivesse apenas um documento. Dessa forma, a análise dos resultados foi realizada através dos discursos dos entrevistados, de acordo com o conteúdo, ou seja, as falas foram avaliadas conforme o tema de cada questão, buscando avaliar pontos comuns e discursos singulares.

## 5.RESULTADOS

Neste capítulo serão descritos os grupos de apoio para pais ocorridos no ano de 2017 em um espaço de apoio ao ciclo gravídico puerperal da cidade de Santos-SP. Na primeira parte, será apresentada a proposta do espaço, em seguida, as percepções do pesquisador sobre cada encontro, ressaltando as potências dos grupos formados apenas para os pais. Por último, a proposta foi apresentar os resultados das entrevistas com 10 pais que participaram dos encontros sobre a paternidade.

### 5.1 O espaço

O Espaço Partejar em Santos-SP está situado no logradouro Rua Bahia, 86. É composto por um grupo de mulheres, que militam em prol do parto natural humanizado e realizam palestras e rodas de conversas gratuitas e pagas para qualquer grupo populacional que tenha interesse no assunto de gestação, parto e pós-parto. Foram acompanhados apenas os encontros gratuitos ofertados pelo grupo “Partejar Santista”, pois a proposta era avaliar ações que possam ser acompanhadas também pela população de baixa renda, que não tem acesso a grupos de apoio aos pais no município.

O grupo partejar é um grupo que tem como objetivo estudar, discutir, refletir e compartilhar informações sobre a atual situação do sistema obstétrico da Baixada Santista, bem como propor mudanças no mesmo. Sempre tendo como foco o parto natural humanizado por se tratar da melhor escolha segundo a OMS.

A base para o funcionamento do grupo é o respeito e para que ele se mantenha as palavras de ordem são: empatia, acolhimento e sororidade.

Tradicionalmente, o grupo Partejar Santista oferece encontros gratuitos às quartas-feiras para mães gestantes, mães que querem outro filho e mães que querem ter o primeiro filho, seus companheiros/companheiras e acompanhantes. As rodas de conversas são conduzidas por doulas, enfermeiras ou convidadas (os), que procuram abordar assuntos sobre a gestação, parto e pós-parto, sobre doenças, dificuldades, anseios e tudo aquilo que permeia os medos delas.

Os encontros acontecem em uma sala aconchegante, com refrigeração, onde todos se sentam em tatames no chão com almofadas para apoio nas costas e cabem aproximadamente 25 pessoas em roda. Para que todos possam ser bem acomodados, os encontros sempre têm inscrições prévias.

Nas paredes estão expostos quadros de trabalhos de parto e partos realizados em domicílio pelas doulas e enfermeiras que gerem o espaço. Lá também tem a promoção de cursos e vendas de produtos para as gestantes e os profissionais que gerem o espaço oferecem seus serviços.

## **5.2 Os grupos para pais: espaços em construção**

Durante o ano de 2017, aconteceram no Espaço Partejar encontros gratuitos do Partejar Santista, voltados, exclusivamente, para homens que iriam ser pais, que desejavam ser pai ou até mesmo que já eram pais, mas que iam ter outro filho e queriam dividir suas experiências, receios, medos, dúvidas e dificuldades, a fim de colaborar uns com os outros. A proposta era acolher os pais, criar espaços de escuta masculinas e trazer uma temática própria.

No primeiro encontro, na última sexta-feira do mês de Janeiro, estavam presentes 13 pais, em uma noite agradável, onde a roda foi conduzida por uma psicóloga e uma doula, cujo tema era “o período de gestação ao pós-parto e a participação ativa do homem”. Foram abertas as falas para que cada um se apresentasse e contasse um pouco de sua vivência. O interessante foi à diversidade dos relatos, desde pai de primeira viagem, e que estava ansioso com essa nova etapa, pai que descobriu no susto, pai com experiência de dois ou três filhos até pai com filhos adultos, formados, mas que queria viver novamente a experiência, expectativa e aproveitar o momento.

Foi muito agradável poder estar ali e aprender com eles, ouvi-los e de alguma forma contribuir, com poucas palavras de apoio e incentivo. Cada um tinha seu momento de falar, de se expressar, e quando um falava todos ouviam atentos. Uma hora ou outra alguém se identificava com algo e também se manifestava, e então discutíamos o que poderia ser feito, de que maneira poderia lidar com a situação ou problema.

Aqueles que já tinham a experiência de já ter filhos, conseguiam ajudar aqueles que estavam na expectativa do primeiro. Eles em sua grande maioria, falavam, citavam e exaltavam suas companheiras, pelo fato delas passarem por um processo longo e duradouro, que muitas vezes tinham suas dificuldades instauradas e que por algum motivo ou outro, eles não estavam presentes no momento, mas que de alguma maneira procuravam contribuir e ajudar quando estavam por perto, seja com palavras de amor e carinho, seja com um agrado, um presente ou um afazer. Para quem já tinha tido a oportunidade de ter um filho, relatou sobre a participação no acompanhamento durante o período gestacional, em estar junto da companheira nas consultas e ultrassons, na montagem do quarto, na compra de utensílios para os bebês e de cuidar de ambos.

A experiência do parto foi um dos momentos mais difíceis, por eles relatados, pois demandava muitas horas, e envolvia muitos sentimentos como ansiedade, expectativa e preocupação com o bebê e com a companheira, pois não sabiam qual seria o tipo de parto e se haveria alguma intercorrência. Alguns pais relataram que participaram ativamente desse momento, fazendo alimento, indo caminhar, dando apoio e palavras de incentivo, ajudando em exercícios e métodos para diminuir a dor e ajudar da melhor forma. Para aqueles que já tinham passado pela experiência de participar do parto, relataram que quando chegou ao momento do expulsivo, a preocupação tomava conta, por causa de condutas médicas que poderiam ser realizada de maneira desnecessária ou equivocada e que viessem, segundo a percepção deles “maltratar da companheira e/ou do bebê”.

Houve um relato em que foi utilizado episiotomia, tendo que levar pontos, causando muita dor, trauma, dificuldades no pós-parto, sem contar as infinitas induções com “sorinho”, levando a um sofrimento para ambos.

Outros relatos, diziam que foi um momento mais tranquilo, que foi conduzido de uma forma branda, mesmo sendo no hospital, conseguindo respeitar cada etapa do momento até o nascimento. E houve o relato de partos domiciliares, que foram raros, mas que aconteceram, de forma mágica, onde cada etapa desse processo foi respeitada, procurando sempre manter uma cautela, e o tempo determinado pelo trajeto do corpo.

Esse último relato, vislumbrava e despertava ainda mais o interesse dos pais, em poder fazer o melhor para seus filhos e companheiras e que tudo ocorresse de forma tranquila, no tempo de cada um. Nisso aqueles que passaram pela experiência, alertava para os riscos, para os caminhos a serem tomados, com dicas do que se fazer e tudo mais. Contavam das suas sensações sobre o parto, de suas reações, de como aquele momento foi especial e ficou marcado em suas vidas.

Num segundo momento, relataram sobre o pós-parto, onde havia um cuidado com o bebê e também com suas companheiras, preocupações com si mesmo, pois era uma nova rotina, havia mudado a família, então todas as atenções eram voltadas para o bebê, em cuidá-lo, amamentá-lo, dar banho, trocar, sem contar com a mãe, que passou por um processo longo, com muitas alterações hormonais, que o pós-parto se torna um momento muito difícil para elas.

O que chamou a atenção foi para a maturidade daqueles que passaram por essa experiência de viver um pós-parto. Falavam com propriedade sobre o assunto, tendo em vista um olhar ampliado, com uma dimensão grande sobre as dificuldades encontradas naquele momento e que de alguma forma tiveram que saber contornar algumas fases conturbadas que

esse período acarreta, e isso pôde ser compartilhado com aqueles que iriam passar pelo mesmo.

Muitos que estavam na discussão, procuravam buscar o máximo de informação possível. Alguns eram impulsionados pelas companheiras para começar a se adaptar com o assunto. Outros eram por livre espontaneidade, mas todos interessados em aprender, em participar, em ajudar e contribuir de alguma forma. Os que não tinham tantas experiências relatavam o que tinham de inseguranças e medos, o que achavam que iam vivenciar, e de alguma maneira procuravam criar uma independência para passar por todo esse processo que ia transformar suas vidas.

Dessa forma, o grupo traz essas histórias vividas, que procuram agregar aos demais tudo aquilo que iam viver, em busca de contribuir para as dificuldades que iam enfrentar e de como passar e lutar com toda a adversidade.

Houve outras rodas de conversas, com bem menos participações, umas com 3, outras com 4 ou 5, que da mesma maneira que a primeira procurou passar segurança aos pais, com assuntos que tinham maior demanda, em relação às dificuldades e receios, com apresentações e contando suas experiências, e sempre abordando enfatizar o contexto de cada um.

Em fevereiro, ocorreu o segundo encontro com tema livre sobre paternidade. Essa roda foi conduzida pela enfermeira e doula Rose e teve a participação de três pais. Apenas um dos participantes não tinha comparecido à primeira roda, então, ele compartilhou toda a sua história com os demais integrantes. Nossas discussões foram baseadas em tudo aquilo que ele viveu e nas dúvidas que surgiram ao longo da conversa.

No mês de março não houve encontro e no mês de abril a roda foi cancelada, pois não houveram inscritos devido à data ser próxima de um feriado. No mês de maio, o encontro foi conduzido pelo Gabriel e o tema abordado foi sexualidade na gestação e pós-parto. Tiveram presentes cinco pais, onde foram levantadas as dificuldades encontradas, as dúvidas em relação à proteção ao bebê e à mãe, se ajuda ou prejudica ter relação na gestação. Em relação ao pós-parto, todos tinham conhecimento do período de resguardo da mulher, que tem o processo dos quarenta dias e que em grande parte do tempo ocorrem longos períodos, por questões do bebê, da amamentação, indisposição, cansaço, além de toda a recuperação e problemáticas que envolvem esse período.

No mês de junho, não tive a oportunidade de comparecer, mas o tema foi o mesmo do mês de maio, sexualidade na gestação e pós-parto, mas dessa vez com o médico obstetra Gilberto. E a última roda que iria ter foi a de agosto, sendo cancelada, pois as responsáveis pelo grupo não puderam comparecer. Foi transferida a data, mas não houveram inscritos.

### 5.3 Grupos de apoio e paternidade

Foram entrevistados dez pais no estudo. Os entrevistados tinham idades entre 29 e 43 anos e todos com ensino superior. Ronaldo de 37 anos de idade é cineasta e tem 1 menino de 02 anos; Neto 29 anos é técnico de processos e tem 1 menino de 09 anos, 1 menina 04 anos e esposa gestando o terceiro (30 semanas); Ricardinho tem 33 anos, é empresário e tem 2 meninos de 01 e 03 anos, Cássi tem 40 anos, é professor e tem 1 menina de 02 meses; Romarinho tem 34 anos, é servidor público e tem 2 meninos de 01 e 12 anos; Sócrates tem 33 anos, é representante comercial e tem 3 meninos de 07 meses, 04 e 08 anos; Willian tem 43 anos, é advogado e tem 1 menina de 1 ano e 7 meses; Danilo tem 32 anos, é desenvolvedor de software e tem 1 menina de 02 meses, Paulinho tem 37 anos, é administrador e tem 2 meninos de 02 e 11 anos e 1 menina de 05 anos e Ralf tem 33 anos, é analista de sistemas e tem 1 menina 1 mês.

#### 5.3.1 Participação paterna durante o ciclo gravídico puerperal: percepções e desafios

Em relação à participação todos os pais afirmaram que estavam presente durante o período gestacional. O fato de trabalhar junto com a companheira foi apontado por Ronaldo como um aspecto favorável para sua presença durante a gestação, mesmo quando tiveram que viajar para fora da cidade a trabalho. Para Neto, acompanhar os exames e estar à disposição da companheira é uma forma de participar da gestação. Por outro lado, por conta do trabalho, Sócrates disse ter tentado “o máximo possível” estar presente nesse período se ausentando de exames e ocasiões importantes. Mas, segundo ele, na maioria dos ultrassons sempre esteve presente, “é um momento muito especial e que a presença do pai faz a diferença!”. Apenas três, dos dez entrevistados, justificaram a questão de se considerarem presentes.

Para os entrevistados, participar do período com a esposa foi um período atribulado, pois ele e sua esposa estavam descobrindo como poderiam concordar suas opiniões, pela diferença dos pontos de vistas pessoal e psicológico. Segundo Ronaldo, que lembrou ainda que foi de muito aprendizado, pois sua esposa era uma “pesquisadora” sobre as questões de humanização de parto. Explica que tinha pouco conhecimento sobre o assunto, chegando, no início a achar um absurdo, pois nunca tinha ouvido falar, mas percebeu que as ideias da esposa “eram fundamentadas em evidências científicas”, acabou se “apaziguando um pouco”. Ele explica ainda que a diferença de idade entre ele e a esposa, de 16 anos, fez com que eles tivessem:

entendimentos distintos sobre a questão da gestação, sobre a questão do trabalho, sobre a questão do quanto muda na nossa vida e a gente passou



grande parte do período gestacional tentando descobrir como que a gente poderia se afinar nas nossas opiniões sobre isso.

Foi levantado por Neto, que esse período é importante para criar o laço familiar, já para Ricardinho foi uma experiência única, onde tudo foi novidade e que fez um esforço para estar sempre presente. Relata que mesmo quando não “estava muito a fim de participar em rodas de mães e pais”, foi a pedido da esposa e participou da proposta.

Cássio, assim como Neto, lembrou que foi uma experiência bacana e muito importante, detalhando cada evento que participou:

desde o teste, para não falar antes. Mas, desde o teste, que a gente ficou sabendo o resultado do teste, depois o primeiro ultrassom, vê lá que tava tudo bem, todos os exames, todas as consultas, depois o partear, o grupo de pais, os cursos, as palestras, a leitura dos livros, aplicativos, os planejamentos, foi tudo muito importante. No nosso caso a gente de fato planejou, e planejou muito bem, ela foi muito bem vinda, de forma bastante pensada.

Romarinho resumiu em uma frase o momento, afirmando que “foi uma grande dádiva”. Sócrates seguiu no mesmo raciocínio, com a expressão “maravilhosa”, citando a diferença entre cada um dos filhos:

em cada gestação tive um gostinho diferente. Acredito que minha presença ao lado dela sempre acaba dando mais segurança em tudo, pois a partir do momento que sua esposa está grávida, a única preocupação que você tem é com a saúde de ambos.

Para Willian foi “transformador”, pois tornou-se pai desde a descoberta da gravidez, contrariando, “aquela ideia, lugar-comum, de que o pai só se torna pai quando vê o filho fora da barriga”. Ralf também achou a fase “maravilhosa, inexplicável, cheia de descobertas e novidades”. Danilo achou um momento “muito intenso”, procurando sempre se colocar no lugar da esposa e estar presente e comprometido com as ideias, pois:

não sofria as transformações fisiológicas, mentais e, por consequência, comportamentais que a maternidade traz. Então minha preparação foi muito mais lenta, entretanto muito intensa e comprometida (...). A construção da paternidade para mim foi uma experiência de se sentir presente, entendendo e tentando sempre se colocar no lugar da minha esposa

Já Paulinho esteve presente desde o início, pois era seu maior sonho, afirmando que sempre se dedicou ao máximo que podia. Segundo ele:

sempre acompanhei desde os primeiros meses, tudo muito de perto, ultrassom, sempre pedia dispensa do trabalho pra poder ir junto, sempre tava presente, tanto que até hoje sou bem presente pra eles. Então como era meu sonho, sempre me dediquei ao máximo que eu posso. Um sentimento muito bom, que não tem como explicar, assim que eu tenho um extinto protetor, todo pai tem, uns mais, outro menos, mas eu sempre tive assim de proteger, cuidar e devido a isso sempre quis ter filho pra isso, pra cuidar, proteger,

acho muito bom tá ali cuidando, protegendo no dia a dia, alimentando, dando banho, é muito bom. É um sentimento que te faz bem, cuidar de uma pessoa que tu sabe que é teu filho. Participar cem por cento foi mais quando nasceu na gestação participei no ultrassom, exames, gostava da barriga, o bebê à noite chutando a barriga.

Para lidar com as dificuldades enfrentadas, os entrevistados usaram diversos métodos, como Ronaldo, que achou melhor a conversa, ler sobre os assuntos e compreensão com a companheira. Ele ainda ressaltou a importância do emocional e psicológico:

contribuí da maneira mais efetiva por meio de conversas, estudos, entendimento do período gestacional, que muda uma série de coisas, do ponto de vista tanto emocional quanto psicológico, quanto hormonal, que a gente tem que estar presente, porque é uma mudança física que altera todo o estado da pessoa como ser humano, então além de muitas questões de limitação do ponto de vista físico a gente tem que tentar, e contribuir com compreensão, de outras maneiras

Neto citou o “suprimento financeiro dentro do possível” e também o empenho na contribuição emocional, assim como Ricardinho que se lembrou do apoio e incentivo, pois segundo ele “é o fundamental dizer que tudo dará certo e que faríamos o melhor papel de pais”.

Para Cássio foi “um dever, necessidade estar presente em todos os momentos”, onde teve que apoiar sua esposa em virtude de um pólipó e dando continuidade nos afazeres domésticos, pois já fazia antes da gravidez, porém “algumas coisas que ela fazia e eu não fazia, eu passei a fazer”, pois para ele lidar com as limitações físicas é difícil. Ele ainda destacou como importante:

ter todas as informações, ter o apoio, saber como é esse processo, todas as dificuldades, como a gente lida com as diversas situações, pra se preparar pra essa nova vida, por que é uma mudança muito grande.

Romarinho conseguiu estar à disposição em todo o tempo para tudo que a esposa e o bebê precisassem. Sócrates demonstrou ser muito intenso nos processos dos três filhos. Nas duas primeiras gestações passou por problemas quanto ao parto e no do terceiro filho, ele e a esposa, queriam um parto natural humanizado, porém buscavam um médico que apoiasse a ideia tão sonhada. Ele relatou como “muito importante seu papel” no apoio à sua esposa e assumiu essa “responsabilidade”:

buscávamos um médico que apoiasse a ideia do tão sonhado parto natural humanizado e confesso que não achamos! Então meu papel foi muito importante, pois a cada consulta em que o médico dizia ser quase impossível ela conseguir tal feito, a minha responsabilidade crescia para não fazê-la desistir do sonho, todos, simplesmente todos os médicos diziam que a chance era muito pequena, enquanto eu dizia totalmente o contrário, que dependia dela querer ou não querer.

Já Willian tinha a preocupação com a sua presença, então costumava conversar e dividir as dúvidas. Com o passar dos meses, assim como Cássio, foi contribuindo para os afazeres domésticos. Segundo ele a “gestação não teve problemas significativos”.

Danilo relatou que deveria “ser uma voz que trás apaziguamento”, apoiando de forma firme e calma; e, acredita que dessa forma conseguiu contribuir com atitudes positivas. Ele admite que “às vezes não era possível, mas honestamente acredito que consegui ser um suporte que trouxe mais atitudes positivas”.

A dificuldade por causa do trabalho e as correrias do dia-a-dia foram levantadas por Paulinho, que ainda completou que ajudou na questão emocional, e ao contrário do que disse Willian, ele acha que para o homem “a ficha cai quando o bebê está ali na nossa frente, nascendo”. Ele ainda citou que:

segue o instinto, poder estar presente, devido a correria do dia-a-dia, você está trabalhando, ou viajando, eu procurava estar presente, dando carinho, dando atenção e fazendo o que podia, levando no médico, ou dando algum conselho, porque essa parte é mais a mãe que se aprofunda mais, porque a mulher sempre tem uma base maior nessa parte, o pai não, vai se interessar quando nasce, que cai a ficha quando tá ali na nossa frente, nascendo. Enquanto tá na barriga, a gente não tem muito aquele acompanhamento, mas dos três eu sempre fui assim, acompanhei desde o início, sempre por perto, quando precisa de alguma coisa, pra dar um auxílio, fazia o máximo que eu conseguia fazer.

Ralf já procurou dar o apoio nas atividades do dia-a-dia como Cássio e também o apoio emocional e moral como todos os outros.

### **5.3.2 O momento do parto: percepções paternas**

Ainda que o roteiro de entrevista abordasse em duas questões o parto e as percepções paternas sobre o parto, os entrevistados fizeram uma conexão direta, abordando os dois assuntos em sequência.

A esposa de Ronaldo teve parto domiciliar e para ele a expectativa de saber se era aquele o dia do nascimento de seu filho foi uma dificuldade, pois era necessário arrumar a casa, preparar alguns detalhes, chamar a equipe e isso para ele foi intenso e angustiante. Ficou um pouco perdido naquilo que deveria fazer, eram muitas coisas acontecendo, mas o seu foco foi a esposa, em dar atenção naquele momento, apoiando e que pra ele “é o máximo que se pôde fazer” nessa etapa. O parto “foi um momento mágico”, com alguns momentos de angústia pelo fato de não compreender o processo da dor, mesmo sendo uma escolha de sua esposa e um processo natural do ser humano. A tensão quanto ao momento expulsivo foi relatado por ele, pois desconhecia o processo, mas quando nasceu se tornou mágico, bem

entusiasmado e emocionante. Outro ponto levantado foi sobre estar o tempo todo ao lado dela, “não conseguia me desligar daquele processo que ela também tava passando e eu sentia que era um processo meu também”. Isso tudo era um sonho, um projeto de vida e que esteve presente, pois:

não consegui durante as 8 horas do trabalho de parto ficar longe da Samara em nenhum instante, a todo o momento eu estava muito próximo dela, eu tava ali do lado porque não conseguia me desligar daquele processo que ela também tava passando e eu sentia que era um processo meu também. Era um parto, era um parto que fazia parte de um sonho, de um projeto de vida nosso que tava acontecendo. Então para mim não tem essa de "Ah vai lá pro quarto descansar um pouco, vai lá tomar uma água, vai tomar um banho". Não! Eu fiquei intensamente ali ao lado dela, vivendo tudo que ela viveu, ou pelo menos co-vivendo.

Ronaldo trouxe essa fase como um “divisor de águas” e um “momento histórico”, pois para ele você passa a coexistir em sua própria vida. A ansiedade foi grande e o conjunto de sensações eram diversos a ponto dele não conseguir descrever em palavras. Para ele, respeitar o “processo natural” da vida lhe fazia sentir uma aflição, pois não podia fazer algo que melhorasse a situação naquele instante que foi tão marcante e especial na vida.

Para Neto, foi mais difícil essa etapa, pois não conseguiu participar de ambos os momentos do pré-parto e do parto, resumiu ao provedor suas contribuições acreditando que deveria suprir “financeiramente dentro do possível” e se empenhar para contribuir emocionalmente. Ele apenas relatou que não estava presente e não participou do pré-parto e do parto, porém disse que “mesmo estando só na sala de espera se sentia ansioso e perdido por não estar dentro da sala de parto acompanhando e tive a preocupação de como seriam as coisas a partir daquele momento”.

Esse momento do pré-parto foi visto como participativo por Ricardinho, porque foi às rodas de pais, conversou com a doula, pesquisou bastante, tirou suas dúvidas, e se preparou para os possíveis problemas que poderiam surgir. Relatou sentir “nervosismo e expectativa” no momento do parto e, assim como Ronaldo foram para eles muitas horas de trabalho de parto, mas que “terminou comigo cortando o cordão umbilical do bebê, algo em que nenhum momento da minha vida esperei fazer”. Relembrou também a importância do apoio e fazer massagens em todo o processo. “Ansiedade e preocupação” foram os termos usados por ele para descrever sua percepção no momento do parto, pois via a esposa com dores, porém com o bebê estava despreocupado, porque estava informado sobre o processo natural e viu que ele estava bem.

Cássio participou ativamente dos dois processos, relatando que tudo ocorreu com 10 dias de antecedência do esperado. O processo começou na madrugada, inicialmente pensou

que eram os pródromos, mas com a ajuda da doula conseguiram identificar que estava em trabalho de parto. Com a chegada da doula, ele começou a preparar as coisas para o momento esperado, fez café e serviu aos profissionais da equipe que acompanharam sua esposa. A intenção era ficar em casa o maior tempo possível e depois ir para o hospital, então tentou criar um clima para aquele momento, colocou uma música, e após 5 horas da chegada da equipe foram para o hospital com dilatação máxima, pois assim como Ronaldo e Ricardinho, Cássio também passou por um trabalho de parto muito longo segundo sua perspectiva. Quando recebeu a notícia que seria naquele dia “deu aquele frio na espinha, mas procurei me manter calmo”. Achou difícil descrever esse momento, pelo fato de que as mulheres entram num outro universo chamado “partolândia”. Ele relatou que aquele momento foi de ansiedade e expectativa, pois a sua vida iria mudar. Preocupação com as dores da esposa também foi lembrado por ele, completando que foi uma experiência única que não trouxe nada de ruim para sua família. Sobre sua esposa ele relatou:

para mim foi uma experiência realmente incrível e eu passei nesse dia, eu já admirava muito minha companheira, mas nesse dia eu vi o quanto ela foi guerreira, firme, se manteve no propósito de ter o parto natural e aguentou de maneira muito firme, se deixou levar pelo processo, não teve nenhum momento de estresse, irritabilidade, embora eu já tivesse previamente preparado pra isso. Então foi tudo muito tranquilo, muito bacana, apesar de ser doloroso pra ela, pra mim também é um pouco apreensivo, você a vê sofrendo e esse momento final da parte expulsiva, que foi um pouco mais tensa, por conta da demora, mas no final das contas deu tudo certo e a experiência em si foi muito boa.

E no momento do parto sua esposa diminuiu um pouco as contrações, mas no “fim ocorreu tudo bem” e para ele foi uma “experiência realmente incrível”, passando admirar mais ainda sua companheira. Assim como Ronaldo, a preocupação com a dor de sua companheira foi lembrado por Cássio. Como foi um parto natural, tiveram a oportunidade de estar o tempo todo junto de sua filha. Segundo a doutora que participou do parto o elogiou dizendo que ele foi um “doulo”, pois fez tudo que é requerido nesse momento.

Romarinho relatou que o pré-parto foi intenso, que ele estava “tenso e preocupado” e que não podia demonstrar. Ajudou dando apoio com conversa, incentivo, massagem e caminhando. E no momento do parto designou como “fantástico”, por estar ao lado da esposa e “garantindo que o plano de parto fosse seguido”. Foi sucinto em descrever que foi tudo muito rápido e mágico a partir do momento que “ele nasceu e olhamos nos olhos um do outro”. A insegurança foi um fator para Sócrates; porém, a todo instante não transpareceu sua insegurança para que tudo desse certo. Para ele, o seu papel foi passar confiança e segurança,

pois era um momento delicado e como se “eles fossem dois pilares, e que ele não poderia quebrar”, pois:

você realmente se encoraja e sente que você tem uma importância imensa sobre tudo aquilo que está acontecendo, pois se eu falasse pra ela desistir tenho certeza que aquilo teria um peso enorme sobre a escolha dela

Para Sócrates, foram três momentos bem distintos no pré-parto e parto, onde no primeiro filho foi marcada uma cesariana. Estava preocupado com todos os detalhes quanto à maternidade e enquanto foi verificar o quarto, demorou exatos 20 minutos, foi o tempo necessário para fazer o parto do Romero. Para ele, foi “uma total falta de respeito comigo e com a minha esposa”. Do segundo filho, a experiência também não foi boa, pois não tiveram privacidade no hospital e não conseguiram parto normal, com 18 horas de trabalho de parto e nasceu de cesárea. No terceiro filho, foi o mais diferente, sendo um parto domiciliar, na sala de casa, dentro de uma piscina inflável onde tudo começou. Sócrates relatou o parto do terceiro filho, pois foi o que acompanhou de perto e conseguiu participar.

Assim como Cássio, quando viu que realmente as contrações estavam mais intensas, ligou para a equipe que ia fazer o parto, e quando chegaram, verificaram que tinha dilatação, “era o momento!” e “abriu a piscina e começou a maratona” e com baldes começou a encher. Ele relatou que foram:

mil litros enchidos no balde, pois a mangueira não alcançava e o único jeito foi encher com um balde de 18 litros. Depois de 56 idas ao banheiro eu consegui encher a bendita da piscina! Isso durou um tempo, enquanto isso as contrações não paravam e a Amanda estava inquieta pela casa, pois as dores eram fortes. Ela entrou na piscina, se sentou e disse que não estava legal ali, logo me bateu aquela tristeza, pois depois de tanto esforço achei que tinha sido em vão todo trabalho, mas depois de alguns minutos ela achou uma posição agradável e acabou ficando ali.

Para ele, o parto é um momento delicado que requer o menor número de pessoas possíveis, pois “qualquer palavra ou ato negativo” pode interferir na evolução. Sócrates demonstrou preocupação com a esposa e disse:

fiz bastante massagem nela, enquanto isso ela chorava baixinho, dizendo que estava com muita dor, que tinha medo de não aguentar e ter que ir ao hospital. A parteira a examinava de 10 em 10 minutos, me chamou de canto e falou que a noite seria longa, mas que não poderíamos desanimar! Logo fiquei muito preocupado, pois naquele momento sentia as dores junto com ela. Fiquei com dó e até pensei em ir à maternidade, mas não disse nada a ela... Tudo ali em pensamento!!! Fizemos acupuntura para aliviar as dores nisso tudo se passaram umas duas horas, mas que pra ela pareciam 10 horas, pois cada contração era um sofrimento.

Assim como Ronaldo, Ricardinho e Cássio, Sócrates também passou por um trabalho de parto longo, aumentando sua preocupação por conta das dores dela, que “naquele momento

sentia as dores junto com ela”. Quando a parteira sentiu a cabeça do bebê, deu uma animada nos ânimos da esposa, que pouco tempo depois ele nasceu, na piscina, na sala de casa, como ocorreu com Ronaldo, levando Sócrates a emoção.

A opção de realizar o parto domiciliar também foi tomada por Danilo, mas, diferentemente de Sócrates, o desfecho ocorreu no hospital. De maneira semelhante aos outros participantes, para ele o trabalho de parto foi demorado e cansativo. Ele descreveu o momento como:

minha esposa teve um trabalho de parto muito demorado e cansativo, minha presença se tornou muito intensa em todo esse processo, auxiliando em procedimentos que necessitavam força como segurá-la em determinadas posições, sempre orientado peladoula.

Já o parto, Danilo ainda busca palavras para descrever, mas pode ser considerado como mágico, incrível, bem como um “alívio muito grande”, pois viu sua esposa “chegar no limite de tudo que ela já tinha passado. Foi “uma sensação de término de maratona (embora nunca tenha participado de uma, mas posso imaginar)”.

Para Danilo foi um processo difícil, pois viveu dois momentos ou “dois partos” como relatou. Esses momentos foram o da expectativa de entrar no trabalho de parto e o do trabalho de parto efetivamente não progredir e ter a necessidade da indução, na qual ambos os processos foram “frustrante”. Ele relatou nesse momento sobre:

o domiciliar que durou dois dias, em que ela ficava alternando entre quase entrar em trabalho de parto com as contrações querendo pegar ritmo, e depois espaçando, frustrando um pouco a todos nesse processo, e o parto domiciliar onde a equipe decidiu que o quadro não iria progredir e que precisava uma indução.

Willian achou o momento do pré-parto “sensacional”, demonstrando afeto ao nascimento que transformou suas vidas. Bem como o momento do parto que “foi o momento emocionalmente mais forte da minha vida”, pelo fato de tersido natural, humanizado e realizado por uma equipe de mulheres. Estar presente naquele momento foi para ele como se fosse um “coadjuvante de luxo”, pois sabe da essência de participar, porém “por mais que queira fazer algo, não tem o que fazer a não ser estar ali”.

Paulinho descreveu esse momento do pré-parto e parto como “maravilhoso” dos três filhos. Nessa hora o nervosismo tomava conta por causa da preocupação do que ia acontecer, mas para ele poder ver seu filho prestes a nascer foi inexplicável. Ele relatou que:

você fica bem nervoso, mas eu me controlei legal nas três, porque a gente fica preocupado com o que vai acontecer, então tentava manter a calma o máximo possível, porque ela dependia de mim tá firme ali.

Do primeiro filho, Paulinho levou a esposa para o hospital, porém não conseguiu acompanhar o parto. O segundo parto, foi uma cesariana, assistiu de perto, apenas dando apoio e forças para sua esposa. Já no terceiro que foi domiciliar, teve a oportunidade de cortar o cordão umbilical. Ele ainda lembra que poder ter feito isso foi um momento mágico, dentro de sua própria casa, na sala. A experiência com cada um foi diferente, "inexplicável e maravilhosa", pois o primeiro criou aquela expectativa e era menino, o segundo porque foi uma menina e o terceiro por ter sido parto normal e em casa.

Rodrigo foi meu primeiro, o mais esperado, todos é uma sensação inexplicável, maravilhosa, ainda mais porque era menino, quando fiquei sabendo do sexo que eu queria ainda. O segundo foi a Renata, os homens tem aquela coisa de não ter menina, por causa de mais tarde o cara tá batendo na porta da tua casa, mas depois que tu vê a menina nascer, nossa, tem uma menininha pra tu cuidar, aquela coisa maravilhosa, e teve esse aqui, que foi parto normal em casa, e a cada um é uma sensação diferente, e tudo muito surreal, não tem como você explicar, muito bom.

No primeiro filho, como não participou do parto, tinha a preocupação para saber o que estava acontecendo e a ansiedade para vê-lo, mas uma mistura de sentimentos bons e ruins pela espera. No segundo foram mais sensações boas, pois estava acompanhando de perto e foi “nossa demais” ter acompanhado. Já no terceiro filho, ele relata que foi “mágico”, que não teve explicação, pois viu nascer dentro de casa, podendo participar, ajudar e curtiu mais aquele momento, mesmo com receio de não haver os aparatos do hospital.

da Renata eu tava ali, então já foram mais sensações boas do que apreensivas, porque eu tava vendo o que estava acontecendo e na hora que nasceu, vi o médico colocar na bacia pra dar vacina, nossa demais. E do Fagner, não tem nem explicação, foi mágico, vê teu filho nascer no chão da tua sala, tu ajudando, participando, também dá aquela sensação de medo, por estar em casa, você fica com medo, receio por não ter aquele suporte que tem no hospital, mas por ela ter todo o conhecimento sobre isso, entreguei na mão dela e fiquei mais tranquilo. Só curti mais. Pela experiência de já ter tido dois, você fica mais, de ter aquela certa experiência, porque não é a primeira vez que você passa aquela situação, então você fica mais tranquilo e curte mais.

Assim como Romarinho, Paulinho descreveu que esse momento é:

uma das melhores sensações, emoções que o homem pode ter na vida dele. Tem gente que, é “não quero ter filho”, mas é uma sensação maravilhosa, uma emoção tão maravilhosa, que a pessoa nunca vai ter na vida dela. Uma experiência surreal que ela nunca vai ter, mas isso é uma opção de cada um.

Ralf se limitou na fala em dizer apenas que esteve presente no pré-parto, sendo um momento emocionante. E que no parto, participou e denominou como “uma experiência única” em sentir na pele a vinda de uma nova vida. Para ele a percepção do momento do parto foi “estar bem esclarecido aos procedimentos e situações, bem como estar tranquilo e



confiante”, completando ainda que estar com pessoas boas de sua confiança e convívio ao redor deles foi melhor ainda.

### 5.3.3 O momento do pós-parto: percepções paternas

O período do pós-parto para todos os entrevistados foi o momento mais difícil. Ronaldo relatou que tinha combinado com sua esposa em se resguardar e viver aquele momento em família, porém ele diz que cometeu um erro porque não conseguiu cumprir com o desejo dela e que ele vai levar isso pra sempre.

desde os momentos da gravidez, a Samara deixou bem claro para mim que o pós-parto ia ser o momento que a gente ia ficar recluso, guardados em nós mesmos, fechados em família e que a gente não abriria nossa casa para ficar recebendo muitas pessoas porque aquele era o momento que a gente tinha que viver, que tínhamos que resguardar aquele instante de recolhimento de tá recebendo aquela nova vida que está se recuperando daquele processo de parto tão desgastante e por conta do contexto eu acabei sendo fraco em relação a isso e não permitir que o desejo dela fosse cumprido infelizmente.

Um dia após o nascimento de seu filho era noite de natal, sua família se reuniu no mesmo prédio onde moram e ele induziu que sua esposa fosse comemorar. Porém ela não estava bem, pois estava se recuperando. No dia seguinte, dia de natal, todos foram visitar seu filho, e ele não percebeu o quão ruim foi tudo isso.

na noite de natal dia 24 em minha família inteira reuniu no mesmo prédio onde nós estávamos e eu comecei a falar para Samara “que seria legal se agente fosse para lá, mas se você não quiser ir também”, mas de alguma maneira eu fui indutivo ao dizer para ela disso. Então ela subiu pra casa da minha tia, foi pra noite de natal estava extremamente dolorida por tudo que tinha passado um dia antes. Depois eu abri minha casa no dia de Natal para todas as pessoas virem visitar e a casa ficou com a porta aberta das 10 horas da manhã até a meia-noite com pessoas o tempo inteiro entrando e saindo e vendo o Maycon, com a Tânia fazendo das tripas coração para ser receptiva com todo mundo, sendo gentil com todo mundo e ela conseguiu ser. Eu tava ali e não pude perceber que naquele momento eu tinha que proteger a minha companheira e não foi isso que eu fiz. Eu não protegi de todo esse assédio das pessoas e não respeitei aquele momento de recolhimento que ela precisava, que eu não compreendia e que eu de alguma maneira fui displicente em praticar no momento de pós-parto.

Ronaldo relata ainda ter vivido experiências boas também, como o primeiro contato, dar os banhos e auxiliando a esposa nas madrugadas bem intensas.

das coisas boas é poder ter o primeiro contato com meu bebê, de dar todos os banhos durante os dez primeiros dias, de ficar dando todo auxílio para Tânia do ponto de vista de mistura de comida, de fazer com que nada faltasse para ela naquele instante e principalmente tentar coordenar essa questão dos horários do bebê que ficou bem desregrado, de dormir às 4 horas da manhã, 5 horas da manhã e eu não podia dividir tanta essa função com a Samara. A única coisa que procurava dividir com ela era quando ela tinha fome eu

entregava pra ela. Mas as madrugadas foram bem intensas nesse primeiro momento.

Neto relatou que a dificuldade do pós-parto foi devido à esposa ter feito cesárea, pois ela necessitou de cuidados, bem como o bebê. A família materna deu suporte nesse período, o que pra ele foi muito importante, pois lidar com essa nova realidade foi bem cansativo, mas sem deixar de ser prazeroso cada momento.

Para Ricardinho a dificuldade foi conciliar trabalho e a nova vida, pois:

tinha que trabalhar, cuidar da casa e fazer de tudo para ajudar minha esposa que passou a viver para o bebê. Ele não dormia a noite e mamava demais. Durante o dia ela ficava destruída, e eu por acumular tudo que fazia no dia-a-dia e ainda cuidar de mais duas pessoas foi muito cansativo, mas sabia que era necessário e fiquei contente em ajudar.

A espera de dois dias com suspeita de infecção foi uma apreensão para Cássio. Diferente de Ronaldo, Cássio soube respeitar o desejo da esposa, que era de poder chegar em casa apenas os três, para que a filha conhecesse o lar. Ele também achou esse momento difícil, por conta da rotina, alterações de horários, divisão das tarefas, onde ele pôde dar banhos e trocar fraldas. A correria para resolver as coisas externas, sem deixar as internas foi bem cansativa e nova para eles. Ele também descreveu como receoso e inseguro em vera esposa sozinha, pois é tudo novo, trás insegurança e receio. Outro ponto que Cássio relatou como o mais difícil foi à amamentação, pois sua esposa acabou tendo problemas para conseguir dar o leite, mas que depois de buscar recursos hoje ela está conseguindo e sem sentir dores. Como tudo foi novo para ele, a dificuldade inicial foi grande, mas logo foi se habituando a rotina, ao cansaço. Relatou que se preparou bem e se programou também, pois pegou um período de recesso, férias e licença, período todo voltado para sua filha e esse período puerperal. Aos poucos foram lidando com as situações e aprendendo com o dia-a-dia, sempre havendo o lado bom e ruim, pela falta da ajuda externa (familiares), mas é um aprendizado novo.

Romarinho utilizou a estratégia de estudar as possibilidades de aliviar as preocupações do dia-a-dia, em auxiliar a esposa nos cuidados do bebê e de sua recuperação.

Sócrates enxergou esse período difícil por conta do emocional de sua esposa, o trabalho de cuidar de ambos e descreveu que “a mãe fica sensível demais e você tem que saber lidar com sua rotina de trabalho e ao mesmo tempo dar atenção a sua esposa e seu filho”. Assim como Cássio, a esposa de Sócrates teve dificuldades na amamentação e que requereu paciência, pois é um processo doloroso, sem contar às noites que ficou sem dormir, gerando um cansaço excessivo, que descreveu:

a parte da amamentação é uma barreira a ser vencida, pois é difícil e requer muita paciência! Passa a ser dolorido se você não tiver alguém que te ajude com isso. As primeiras noites são em claro, e junto disso vem o estresse.

Para ele, os maridos precisam entender que é uma obrigação “ajudar” a esposa nas tarefas e que isso vai demonstrar se a gravidez foi um momento feliz ou não.

é preciso muita calma para que não haja brigas, você como marido precisa entender que além de trabalhar o dia todo, é sua obrigação ajudar sua esposa com todas essas tarefas, pois esse é o principal momento que marca se a gravidez foi um momento feliz ou não.

Willian passou pelo processo do cansaço e medo, porém foi à realização de um projeto de vida, procurando em todos os momentos estar feliz, por ter recebido e estar cuidando de uma criança, o que foi maior do que qualquer outra coisa. Ele procurou auxiliar com conversas e fazer “o máximo possível de tempo” pra estar por perto.

Danilo por sua vez, relatou que essa foi uma fase das descobertas, pelo instinto de protetor e provedor, sabendo equilibrar questões do trabalho e a atenção à família. Segundo ele a qualidade da sua presença foi boa, pois:

foi uma fase de descoberta. Para mim a questão de ser o protetor e provedor falou e fala muito alto, mergulhei no trabalho e em novos projetos e o desafio é equilibrar essa fase para que não prejudique a atenção que tenho que colocar nas duas. Felizmente trabalho remoto de casa, o que me permite uma melhor qualidade de presença.

Paulinho relembra sua infância e o cuidado com seus sobrinhos, afirmando que “se eu pudesse parar de trabalhar e ficar em casa pra ficar tomando conta deles eu ficava”. Mesmo assim, para ele, não é a mesma coisa que ter os seus próprios filhos e cuidar, tinha aquela ansiedade em sair logo do trabalho e ir pra casa com saudades, ajudar a dar banho, trocar fralda e sempre auxiliar no que fosse preciso, até porque sua esposa passou por duas cesáreas, mas no último filho foi mais tranquilo, dando apoio emocional e psicológico.

não é a mesma coisa que teu filho, quando tu tem teu filho, pra mim pelo menos se pudesse parava de trabalhar, porque 5 dias era nada. Aquela coisa de sair do trabalho, principalmente o Igor, e vim voando pra casa. Morrendo de saudade, sempre fui assim, dos 3, de ajudar, trocar fralda, dar banho, o primeiro banho dele (Miguel) foi até eu que dei.

Outro ponto importante lembrado por Paulinho foi um aprendizado em saber dividir sua esposa com seus filhos e compreender, ser companheiro e ajudar da melhor maneira, seja no suporte, ou seja, na presença:

eu sempre procurava tá do lado, dando um auxílio com eles, pra ela (esposa) poder descansar, pra ela poder fazer as coisas dela, porque o primeiro foi complicado porque foi cesárea, o segundo também, dele (Miguel) foi bem mais tranquilo, e também ajudar psicologicamente, vendo o que ela precisa, sempre presente, sempre fui muito presente nos três. Tu aprende a ter que

dividir aquela pessoa que era só sua com outras pessoas, que são seus filhos. Você não tem mais aquela atenção só sua, agora a atenção dela é dividida com outras, então você tem que entender, ser companheiro e ajudar da melhor maneira que a gente consegue, dando suporte, estando presente.

Assim como Paulinho, Ralf também achou essa fase como um aprendizado, contribuindo no dia-a-dia e no cuidado do bebê dando banho, trocando fralda, dando carinho aos dois para que fosse uma fase tranquila.

### **5.3.4 Os grupos de apoio: percepções paternas**

Todos os pais entrevistados tinham participado, pelo menos uma vez dos grupos de apoio, por isso, buscou-se avaliar qual a importância e quais os benefícios que eles trouxeram para o ciclo gravídico puerperal segundo a percepção dos pais. Ronaldo relatou que sua participação em todos os grupos foi enriquecedor, tanto na compreensão de tudo que estava acontecendo/ia acontecer quanto no entendimento de quais procedimentos envolviam violências obstétricas e qual o papel do pai durante o processo de gestação. Ele destaca que o mais importante foi o “processo de maturação da ideia de dissolução do machismo”:

do ponto de vista de que eu homem não ajudo a Samara nos processos que se referem à família, nós nos auto ajudamos, que se eu digo que eu a ajudo eu estou implicitamente dizendo que ela tem obrigações com a família e que eu possa auxiliar nessas obrigações sendo que na verdade essas obrigações são minhas e quando a gente pensa dessa maneira que todas as obrigações da sua família são suas e da sua companheira você consegue compreender que você precisa ter uma dedicação maior.

Segundo ele, é necessário “compartilhar desses momentos com mais efetividade e isso me ajudou muito inclusive no processo do trabalho de parto”, em como poderia ajudar e ter a visão que aquele era um momento dela e as instruções de técnicas, que foi mais para o conhecimento porque não aconteceram.

Neto está vivendo a chegada do terceiro filho e tem notado a diferença no suporte dado sobre parto em relação aos outros dois filhos. Como desejam parto normal, após duas cesáreas, afirma que “na época de ambos os partos ainda não tinha conhecimento dos grupos. Porém, já sinto diferente nessa nova gestação em relação a suporte nos dados”,

Para Ricardinho, os grupos trouxeram informações e ajuda sobre os momentos que ia enfrentar. No começo houve uma resistência em participar, mas consegue enxergar a real importância para manter a calma em cada etapa. Segundo ele:

todo tipo de informação necessária, ajudou demais, eu sabia tudo que aconteceria no parto e pós-parto. Tudo graças aos grupos. No começo eu não quis participar, mas fui e sei que graças a isso eu mantive a calma e a sanidade.

Segundo Cássio, os grupos trouxeram:

no que diz respeito à roda de pais, acho que muitas informações pra mim foram importantes, ou trocas de experiências, de saber que alguns temores que eu tinha, são comuns, compartilhados, que esse processo da gravidez, e a questão dos sentimentos são diferentes, em relação ao que a mãe sente e o que o pai sente.

As diferenças entre sentimentos dos pais e das mães também foi levantado por Cássio, citando que para ele, os pais sentem a experiência tendo a criança no colo, que a mulher tem a chance de sentir dentro de si, então é um momento importante e mágico para os homens, se recordando da roda:

uma coisa que eu me lembro de ter ouvido na roda de pais, que a nossa experiência assim de pai, ela começa mais a partir do nascimento, que é diferente da mulher, que é a gente ter essa experiência de ter a criança no colo, senti-la plenamente, é o momento mais mágico, e que a mulher já tem porque ela sente dentro dela, então pra gente é importante.

Para Cássio uma frase que ele ouviu elhe marcou nos grupos foi “quando a gente olha pra criança e vê os nossos traços, isso é um momento inexplicável. E isso eu senti, porque tive a felicidade da nossa filha ter alguns traços meus”.

ainda mais no nosso caso, porque tem essa diferença de cor de pele, ela puxou mais pro meu lado e confesso que isso me deu um animo e dá a cada dia, é inegável que esse reconhecimento físico acaba tendo/sendo um elemento motivacional, pra gente se sentir ainda mais amoroso em relação à nossa cria.

Cássio ainda ressaltou a dificuldade em lidar com bebês, em pegar e que hoje é completamente diferente e que vai lembrar desse período com muita saudade. Afirma que participar dos grupos mudou sua visão a ponto de apenas dar para a mãe a filha quando está chorando para amamentar e que vê como um pedido “oh papai, agora é a vez da mamãe”.

Assim como Cássio pôde ver pontos comuns com os frequentadores dos grupos, Romarinho relembrou que “foi bom pra saber que certas coisas não eram exclusividade da minha vida, além de serem passageiras, o que nos faz encontrar forças e paciência com as adaptações e adversidades”.

Segundo Sócrates relatou em sua fala que por terem pessoas mais experientes:

, sempre os grupos acabam ajudando nas questões que tem dúvidas. Em relação ao pós-parto acho muito válido você ouvir outros pais para você se auto avaliar e poder melhorar sua relação família/casa/trabalho.

A importância de como lidar com a mulher grávida, também foi um assunto abordado por Sócrates, pois o pensamento machista em achar que tudo era “frescura” ou pedir um agrado e negar, acabam influenciando em todo um contexto sentimental e afetivo do casal.

Outra coisa que me ajudou muito nos grupos foi a questão de como lidar com a mulher grávida, pois muitas vezes a gente acha que é frescura ela reclamar de dor, de cólica ou até mesmo pedir um carinho e você negar dizendo que está cansado, mas o esforço vale a pena.

Willian participou das rodas de pais e para ele o principal ganho moral foi: “como lidar com o puerpério junto com a mulher”, porém, pôde ver que estava em uma situação privilegiada, onde não havia o que reclamar. Os grupos também o ajudaram a lutar com os fantasmas e a situação psicológica de tornar-se pai “tipo ver a cada 5 min se o nenê tá respirando e como lidar com a nova situação psicológica de deixar de ser só-filho pra se tornar também pai-de-um-filho”.

Danilo demonstrou que os grupos trouxeram confiança e interesse pela busca literária sobre os assuntos de cada período, auxiliando na tomada de aprendizados, que julgava ser importante. Já para Paulinho os grupos ajudaram principalmente aos pais que não tem um “espírito de ser pai”, dando o suporte, pois as mulheres são mais dedicadas que os homens, onde eles participam apenas após o nascimento e que através dessas medidas os homens têm participado desde o início. Na interpretação de Danilo:

o cara nunca teve vontade de ter filho, ou teve, ou às vezes é só vontade da mulher, nem tanto do homem, e a gente sabe que mulher é mais dedicada a essa parte, homem não. Hoje já está igualando mais, mas antes não era assim, homem participava, mas depois que nascia, mas antes não. Ajuda bastante, porque a minha participação efetiva foi mais no segundo e no terceiro, no primeiro não cheguei a participar tanto da gestação, do pré-parto.

Para Ralf, as informações gerais com a troca de experiências foram muito importantes e o ajudaram com o cuidado do bebê e os esclarecimentos dos eventos que ocorrem durante todos os períodos.

### **5.3.5 Momentos marcantes no ciclo gravídico puerperal: percepções paternas**

Sobre alguns momentos específicos ou marcantes nem todos trouxeram relatos, Romarinho, Ronaldo e Danilo não identificaram nenhum fato específico. Neto lembrou a primeira vez que viu seu filho, que o pegou e viu sua esposa amamentando, e admirou-os pelo fato de ser continuidade da sua família, que ficou agradecido a Deus por isso, pois são suas maiores heranças. Ele relatou que a:

Primeira vez que vi meus filhos, que os peguei no colo, ver minha esposa amamentando e saber que é continuidade da minha família. Fico muito agradecido a Deus. Eles são minha maior herança.

Ricardinho também lembrou a primeira vez que pegou o filho no colo:

sem dúvida pegar meu filho no colo pela primeira vez foi o que mais me marcou, eu nunca havia chorado antes por emoção, e neste dia não me

contive. Depois do meu primeiro filho virei um chorão, as crianças me emocionam hoje em dia, antes de ser pai o homem pensa de um jeito, e depois de outro, é uma outra realidade onde as emoções são potencializadas.

Para Cássio, cada momento foi marcante desde o início da gestação, da descoberta, os primeiros batimentos, pois tinha passado por uma experiência ruim que:

ela já teve uma outra gravidez que não foi pra frente, ela acabou perdendo, e que teria sido uma gravidez, anembrionária, o embrião não chegou a formar completamente, então justamente a gente descobriu isso no primeiro ultrassom, a gente chegou lá com muita expectativa, era dia do aniversário dela e foi uma frustração muito grande.

Ao realizar o primeiro ultrassom da filha e constatar que não havia intercorrências, foi uma emoção muito grande, assim como acompanhar o seu desenvolvimento e os movimentos da barriga até seu nascimento. Segundo ele, ter tido a oportunidade de pegá-la no colo e a cada semana descobrir novas vivências, tornou esse momento de experiências mágico, por exemplo, como o primeiro sorriso, criando expectativa do seu desenvolvimento a cada dia.

Sócrates frisou a importância, de se mostrar um bom pai, pois:

isso automaticamente se tornara num bom casamento, é um espelho! Amo muito meus filhos, conseqüentemente, amo demais minha esposa! Se hoje eu pudesse dar um conselho aos meus amigos, esse conselho seria: tenha um filho, pelo menos um, pois a felicidade que ele te trará é inimaginável! Às vezes chego em casa cheio de problema, pensando nas contas, no dia que foi péssimo, mas você pisa na sua casa e ganha um sorriso, um beijo verdadeiro, tudo aquilo de ruim você esquece, pode acreditar!

Ter tido a oportunidade de ser o primeiro a pegar a filha no colo e levar até o peito da mãe foi o momento que Willian registrou, de forma que será lembrado o resto da vida, pois foi uma experiência transformadora. Paulinho relata a importância de ter pelo menos um filho. Para ele, ser pai é muito importante para que se tenha uma felicidade, pois mesmo com os problemas, a família faz com que se esqueça de tudo. Para ele fica:

a experiência que a gente aprende, que as vezes somos egoístas, acha que por ter filho não vai ter mais vida, que vai perder coisas na nossa vida, e a gente só tem a ganhar. Tu tá cuidando de uma pessoa que é a coisa mais importante da tua vida, então tu tá dando amor pra ela, e é uma troca, que ao mesmo tempo ela não sabe nem o que tá fazendo, mas só de você tá cuidando dela, parece que é uma coisa que você é retribuído de alguma forma. Então essa troca, retribuição não tem preço. Mas a gente só aprende isso na prática, não adianta eu chegar pra uma pessoa que não tem filho, não tem pretensão de ter, ou quer ter, ela só vai sentir essa sensação só na prática.

Ralf relatou que por ser primeira filha, a experiência está sendo única:

acho que a gravidez e os primeiros dias que vivi até o momento com minha filha já foram determinantes para saber que é uma experiência única, tudo que sempre nos dizem os outros pais mais experientes antes de nós se concretiza, você só consegue realmente sentir e ver como é tão maravilhosa

a benção de criar um novo ser humano quando efetivamente você o faz. Só posso concluir agora por que não ter feito antes.



## 6. DISCUSSÃO

Neste item serão discutidos os resultados apresentados das entrevistas e do campo. No entanto, uma preocupação do estudo foi em relação a forma como ocorreu as coletas de informações, pois aqueles que foram gravados ou enviou áudio, foi possível notar suas percepções. Por conta da dificuldade de realizar as entrevistas presenciais, a alternativa foi utilizar o recurso de texto escrito, porém dessa maneira pode ter se perdido a riqueza das expressões, das falas e das trocas

Os resultados encontrados mostram que a participação do homem na gravidez o faz sentir parte do processo, refletindo na qualidade da vida conjugal, que os homens querem participar do processo gestacional e estar presente no nascimento. Isso foi possível ser notado nos relatos, que apesar de ser um período atribulado, cheio de novidades, era um momento importante nas vivências familiares, com grandes repercussões na constituição da família, estreitar os laços familiares, aflorando os sentimentos bons desse período (SILVA, 2009).

O vínculo afetivo com suas parceiras e filhos nesse momento transformador e cheio de dádiva faz com que esses pais aumentem a sua participação (UNFPA; INSTITUTO PAPAI, 2007). De acordo com os relatos, acompanhar a descoberta da gravidez contraria a ideia “lugar-comum” de que o pai se torna pai quando vê o filho nos seus braços. Segundo Silva(2009, p. 394):

a vivência é tecida em meio a uma atmosfera de valores, significados, expressões, ideias e ideais concebidos pelo ser humano em suas relações subjetivas e intersubjetivas no mundo.

A presença e comprometimento eram fatores importantes para a construção da paternidade. De acordo com a percepção de Paulinho, ele procurou estar presente e acompanhar a gestação desde os primeiros meses, porém participar efetivamente foi apenas após o nascimento. Danilo relatou estar presente e comprometido, porém pela intensidade do momento, demonstrou uma visão diferente em relação à esposa, procurando sempre se colocar no lugar dela e buscar o entendimento das transformações do período. Silva (2009) demonstrou em seus estudos que:

atualmente, o homem participa e se envolve mais ativamente no período gestacional da companheira. Ele vem se fazendo mais comprometido no ciclo gravídico-puerperal, pelas mudanças de comportamento. [...] Assim como a mulher, ele também pode vivenciar importantes alterações em seu cotidiano.

Conforme Silva e Silva (2009) demonstraram em seu estudo, que deve-se ter a participação ativa do pai e as entrevistas com Cássio e Sócrates, apesar de apresentarem dificuldades distintas, ambos estavam presentes na tentativa de contribuir com os problemas e superá-los. A questão do trabalho e a contribuição com o emocional foram os assuntos abordados pelos participantes. Houve duas opiniões diferentes em relação a paternidade, pois William relatou que desde o início se sentiu pai, mas para Paulinho o nascimento faz o pai tornar-se pai.

O período gestacional demonstra algumas dificuldades, que para o pai são novidades e tentar lidar com essas situações é desafiador. No entanto, procuram utilizar estratégias de compreensão do emocional e psicológico. Outro fator interessante é a questão financeira, que foi levantado por Neto, que relatou utilizar essa estratégia para que não faltasse nada à sua família (MOTTA, 2005).

Essa ideia de mudanças sociais, em virtude, do papel do pai foi discutida por Rio *et al.* (2015), e os resultados apontam que os entrevistados buscavam, dentro do seu contexto, assumir o cuidado do filho e de sua companheira, afim de dividir também seus afazeres e tarefas domiciliares, tanto no pré-parto quanto no pós-parto.

O momento do pré-parto e parto, foi um dos assuntos abordados nas entrevistas, sempre buscando a percepção e o impacto que aquele período vivenciou no pai. Brasil (2005) mostrou que hoje já existe uma lei que assegura a presença do acompanhante durante o pré-parto e parto, porém, não constana lei nada que defenda a autorização do homem para participar/acompanhar sua companheira em consultas caso esteja grávida. Os resultados mostraram que para os pais que tiveram os filhos no hospital, apenas um participante, relatou não ter conseguido viver esse momento de perto.

O parto domiciliar é uma alternativa utilizada por alguns não só para evitar violência obstétrica, mas para permitir a presença dos pais continuamente. A lei do acompanhante é uma conquista, mas muitos lugares ainda não cumprem e os que cumprem restringem os momentos que o pai pode estar presente. Ou seja, ainda que não tenhamos uma política de parto domiciliar no SUS de Santos, como acontece em Belo Horizonte, famílias escolhem a modalidade. Ainda que tenham equipes preparadas, não há uma rede preparada. Hospitais que cumprem parcialmente, que não cumprem e que cumprem, mas tanto a equipe pode não estar preparada para um pai participativo como o pai pode não saber as potencias da sua participação. Não defendemos o parto domiciliar como acontece, sem uma equipe de referência hospitalar, como seguido no Sofia Feldman,mas temos que problematizar que para

esses pais, a escolha do parto domiciliar também passa pela possibilidade de estarem presentes integralmente.

Uma estratégia adotada pelas equipes que auxiliam em partos é a escolha de ir com dilatação máxima para hospital para que os pais estejam presentes, para evitar intervenções. Apesar de cada vez mais difundido, trata-se de uma estratégia que pode trazer riscos. Para que isso aconteça, é importante que ocorra o monitoramento tanto da mãe quanto do bebê. Saber o tempo médio do trabalho de parto faz com que consiga adotar a estratégia de ficar mais tempo no domicílio. De acordo com os relatos das entrevistas, os pais tiveram as percepções de que os partos foram longos e demorados, poisse cria os imaginários sociais partos rápidos (Silva e Lemos, 2014).

É importante ressaltar a participação dos profissionais ou equipe de saúde, independente de onde ocorre o parto, pois o pai não é como uma doula e nem sempre é necessária a presença da doula. No entanto, a escolha da doula vem por vários motivos e uma delas pode ser questão do cuidado no pré-parto, com o acompanhamento até o hospital. Tal afirmativa vem ainda do processo de construção que estamos passando, pois os médicos não estão acostumados com a presença dos pais. Ainda tem a questão dos pais acharem que ser participativos significa substituir a doula, mas há uma diferença, pois são profissionais capacitados para lidar com esse momento.

No momento do pré-parto, os resultados demonstraram que para alguns pais, é difícil saber quais as atitudes tomar, pois para eles é um momento voltado para a mulher, na qual o homem faz parte, não só como observador, mas como apoiador em cada etapa até o momento do expulsivo. Esse momento foi visto como “divisor de águas”, “um momento histórico”, “tenso e preocupante”, “fantástico”, pois conseguiram estar efetivamente participando.

A insegurança foi um fator que preocupou os pais durante o pré-parto e parto, em relação ao sofrimento de suas esposas. Segundo Oliveira e Silva (2012), o homem que tem a oportunidade de vivenciar todo o processo da gestação até o nascimento, valoriza muito mais sua companheira reconhecendo que este processo exige de sua mulher um imensurável esforço e dedicação, bem como a ciência do seu papel de apoio durante o trabalho de parto e como alguém capaz de proporcionar a ela suporte, apoio e segurança, sendo este empenho reconhecido e aprovado pelas mulheres. Sócrates destacou no seu relato que:

você realmente se encoraja e sente que você tem uma importância imensa sobre tudo aquilo que está acontecendo, pois se eu falasse pra ela desistir tenho certeza que aquilo teria um peso enorme sobre a escolha dela

Para os participantes que tiveram a oportunidade de vivenciar o parto domiciliar, notou-se maior participação, afeto e intensidade pelo momento. As diversas sensações e

sentimentos puderam ser destacadas em cada fala ou expressão, evidenciando a preocupação com as esposas, porém tentando aproveitar o parto. Motta *et al.* (2005) descreveu que o parto é o momento de muitas tensões e anseios e que o acompanhamento durante o trabalho de parto pode ter uma relação de solidariedade, entreajuda e reconforto psicológico, determinante no sistema interativo da tríade mãe/pai/filho, por isso a importância do homem nesse momento.

A frustração de não conseguir realizar o parto domiciliar foi trazido por Danilo, pois foi necessário indução para o nascimento do bebê. Ele ainda relatou que ao término de todo o processo de pré-parto e parto sentiu alívio devido ao cansaço físico e o limite de sua esposa. As entrevistas mostram que o momento do parto foi muito significativo para os pais emocionalmente, trazendo sensações boas quanto ao nascimento de seus filhos.

Os resultados demonstraram que o momento do pós-parto foi a fase mais difícil, pois houve mudanças estruturais na composição da família, da rotina e do estado físico e mental. Alvarenga *et al.* (2016) destacou o auxílio do pai no cuidado com o bebê, para que não ocorressem problemas emocionais e comportamentais na infância, o mesmo pode ser observado nos resultados, em que os participantes compartilhavam o cuidado para que não sobrecarregasse apenas a um membro da família. Pode ser observado também que os pais, devido ao trabalho, desejam passar o tempo livre com seus filhos, participando ativamente do cuidado. Magnoni Reberte *et al.* (2010) mostrou que o pai torna-se importante nesse momento, contribuindo na parte psicológica/emocional e nos afazeres do dia-a-dia.

Um assunto levantado pelos entrevistados foi sobre o trabalho, que atrapalhava no acompanhamento desse período, pois como Brasil (2016) demonstra, os pais têm apenas cinco dias de licença paternidade. Cássio por ser funcionário público, se programou para que no nascimento de sua filha tirasse licença paternidade e férias, acrescentado do período de recesso, para ter exclusividade no cuidado de sua família.

A questão do “ajudar” foi levantado por Sócrates, na qual para ele é uma obrigação do marido “ajudar” nas tarefas, demonstrando que não tem ainda o olhar de dividir as tarefas, passando a ideia de que a mulher deve realizar os afazeres e o homem ajuda-la. Para alguns pais a amamentação foi um momento difícil de lidar, pois viam suas esposas com dores e que demandou paciência, para conseguir se adaptar. Pode ser destacado nos resultados que para os pais houveram experiências boas, na interação com seus filhos, visando o cuidado, os afazeres e participação junto da esposa nesse período.

Os estudos demonstraram que os grupos podem promover uma interação entre os pais dentro de um assunto comum, para que participem do processo gestacional. Por isso foi visto que é importante ampliar os conhecimentos do casal nos grupos, a fim de tirar as dúvidas e

prepará-los emocionalmente para se tornarem pais (ÁVILA, 1999). Dessa forma os resultados demonstraram que para Ronaldo foi importante compartilhar os momentos de afetividade no grupo, para que entenda sobre os períodos e suas dimensões, bem como quebrar um estigma sobre o assunto.

As informações que foram trazidas pelos grupos, trouxeram para esses pais segurança quanto ao momento do parto e pós-parto, trocas de experiências, discussões sobre os sentimentos paternos, observar os pontos comuns, os medos e receios, e, a partir desses quesitos, conquistar confiança para enfrentar ao lado da sua esposa os processos durante esse ciclo. Para um dos entrevistados houve resistência em participar dos grupos no começo, mas que após frequentar, expandiu seu olhar para a importância que teve.

Os resultados encontrados sobre um momento especial na vida dos pais foi relatado por eles como a primeira vez em que viram seus filhos, pegá-los no colo, o que trouxe a eles uma emoção, assim como acompanhar seu desenvolvimento durante todo o ciclo gestacional. A importância de ter um filho foi levantada por Paulinho, que destacou o cuidado, com trocas afetivas entre pais e filhos, sendo todo o contexto uma única experiência.

## **6.1 Os grupos e a percepção do pesquisador durante as vivências nos grupos**

Antes de discutirmos as percepções dos pais, cabe detalhar os sentidos e vivências de frequentar o grupo Partejar como pesquisador, fisioterapeuta e como homem que deseja ter filhos, pois, conforme apresentado na metodologia, a minha presença nos grupos, ainda que não na figura de mediador, interferiu nas dinâmicas e trocas. Particularmente, a minha participação nos grupos de apoio permitiu expandir o conhecimento em relação ao grande universo que permeia toda essa fase da vida. Com isso, tive a oportunidade de observar as discussões, as reações e expressões, os sentimentos, dúvidas e compartilhamento de ideias e informações em prol da colaboração de um com o outro.

O apoio entre eles foi um ponto relevante, em relação aos que tinham maior experiência ou que já tinham passado por algum momento de dificuldade. Outro ponto importante foi a visão que tinham de suas companheiras, procurando sempre enaltecê-las por toda a garra, coragem, determinação e força, por passar um processo longo para realizar um sonho e dar a luz a uma vida.

O espaço onde ocorriam os encontros era muito aconchegante, com quadros que demonstravam as reações e percepções dos integrantes que participavam do momento do parto, com um realismo de grande impacto, demonstrando uma força de empoderamento

muito grande, evidenciando o momento do nascimento. Os encontros aconteciam de forma descontraída, para que todos que estavam presentes, pudessem se manifestar sem que houvesse qualquer tipo de estigma ou preconceito, e isso foi perceptivo em vários momentos, quando se expunha um medo ou uma opinião contrária como, por exemplo, a fala de um dos participantes “gosto de crianças, mas não sei lidar, pelo fato de ser molinho, sem contar que todos quando nascem parecem iguais, com aquela carinha de joelho”. Nesse momento todos acharam engraçado e ao mesmo tempo abordaram o assunto explicando que isso era uma percepção que iria passar quando visse sua filha nascer.

Durante os encontros, ocorreram muitos momentos de discussão sobre a importância do pai durante todos os processos da gestação, como que poderiam contribuir e foi muito perceptivo a vontade em estar presentes, ajudar, cuidar e tentar fazer o melhor de si para que conseguisse agradar sua companheira e tudo acontecesse conforme o planejado. Silva e Lemos (2014) destacaram que a participação total do homem na gestação de sua companheira é uma situação ideal e desperta no futuro pai os mais diversos tipos de sentimentos positivos e negativos, sendo os positivos os mais referidos e isso pode ser observado com aqueles que já tinham a experiência do primeiro filho em relação àqueles que ainda iriam ter o primeiro, pois descreviam os aspectos positivos com grande satisfação, agradecimento e orgulho por poderem ter vivenciado todo esse período, assim incentivavam os outros participantes.

Para que ocorram melhorias nos grupos e aumentando a adesão dos pais, é preciso construir um tema para cada encontro que seja direcionado ao público masculino. Outro ponto seria escolher dias em que a maioria esteja disponível, bem como trazer recursos visuais, em que possam interagir e discutir, como dinâmicas de tarefas realizadas por gestantes e apresentá-los um colete de barriga com bebê, a fim de utilizar e sentir a experiência de como é o dia-a-dia de suas companheiras.

Dessa forma, os grupos poderiam ter mais interações, consequentemente a divulgação seria maior, atingindo o maior número de pais. Aqueles que participam podem incentivar os outros pais a conhecerem o grupo, aprenderem, discutirem, dividirem histórias e experiências, ajudando sempre um ao outro no ciclo gravídico puerperal.

Realizar esse trabalho e poder ter participado desses encontros com os grupos de pais e pais e mães, me proporcionou aprender, interagir, e ver as percepções dos mesmos, com o cuidado com seus bebês, companheiras, tanto no aspecto físico quanto emocional, passando por todas as fases. Em vários momentos da pesquisa a dificuldade para realizar o campo foi grande, por causa do recrutamento, do tempo dos participantes em estarem se

disponibilizando para realizar as entrevistas de forma a contribuir, mas apesar dos contratempos, de algumas desistências, foi possível estar alcançando os objetivos.

## **6.2 Sentidos e vivências dos pais do Partejar Santista**

O estudo realizado buscou a percepção dos pais durante essa fase da vida, permeando os pontos positivos e negativos, o que mais os tocou, com seus medos, anseios e dificuldades. Foi possível verificar de que forma eles buscavam recursos e ajudas para enfrentar esses momentos. Os resultados mostraram que embora o processo tenha pontos difíceis, houve vários relatos de momentos marcantes, que trouxeram consigo memórias de aprendizado, de mudanças em suas vidas e que transformou ideias e pensamentos. Também não só envolve ao pai e mãe, mas a todos próximos ao casal.

As entrevistas desenvolvidas ocorreram de forma semiestruturada, porém a fala era livre para que eles pudessem lembrar, reviver e expressar-se de forma que tocasse seus sentimentos. Foi muito importante que eles conseguissem expor todo o seu pensamento, bem como seus sentimentos. Alguns conseguiram lidar melhor, explicar mais sobre os assuntos do que outros, mas de modo geral, todos conseguiram identificar a dimensão que os rodearam em todo o processo que passaram e que continuam passando após meses e até mesmo anos.

As questões foram muito simples, porém diretas para contarem seus relatos de vida, buscando reviver o período gestacional, o pré-parto, parto e pós-parto, sempre intercalando entre um assunto abordado e sua percepção, para que demonstrasse a sua essência diante de tal momento. Para juntar todos esses momentos e percepções, foi questionado sobre os grupos e o que eles trouxeram para cada, no sentido das contribuições e aprendizados.

As dificuldades para conseguir as entrevistas foram diversas, pois não respondiam as mensagens, a disponibilidade de parar para responder, não respondiam as questões e dois dos entrevistados disseram que pelo fato de ser do gênero masculino a dificuldade em conseguir as entrevistas eram mais difíceis, até porque a abordagem foi realizada da mesma forma para todos.

A densidade dos relatos mostra que essa memória continua viva, que qualquer detalhe foi muito marcante em suas vidas e poder ouvir e ler essas histórias mostra que cada um dentro de si tinha uma certeza viva que tudo era “surreal e transformador”. Esses pais também eram presentes em rodas de conversa, sobre diversos assuntos que envolviam bebês e mães e todo o processo do período gestacional, pré-parto, parto e pós-parto, que aconteciam no mesmo espaço. Chamava atenção o interesse e participação dos pais até mesmo nessas rodas,

acompanhando suas esposas, tirando dúvidas, se preocupando e interagindo com os diversos assuntos.

A adesão desses pais nas rodas é um problema a ser discutido, pois como o estudo mostra, tinham três tipos de rodas, a que tinham muitos pais, a que tinham poucos pais e as que foram canceladas pela falta de inscritos. Ainda que tenham o interesse, a participação é um problema para os profissionais de saúde, quando se trata de serviços de saúde, pois ocorrem durante o dia (Silva; Lemos, 2014). No entanto, mesmo sendo noturnos, os pais não tem a mesma responsabilidade das mães, não ocupam os espaços ou por serem vistos como lugares femininos ou por não terem a mesma responsabilidade e compromisso. Para os entrevistados odia-a-dia, a correria com trabalho e os afazeres interferem na participação mesmo quando os grupos aconteciam no período da noite e fora do horário de trabalho para alguns pais.

Da mesma forma como ocorre a roda de pais, as mães se inscrevem previamente, podendo levar seus companheiros, que se interessam. Muitas vezes estes estão presentes e procuram também tirar suas dúvidas. A roda acontece no mesmo local das conversas com os pais, tendo a mesma disposição dentro da sala.

Alguns dos encontros do grupo Partejar Santista tem como enfoque as mulheres, mesmo os assuntos sendo comum à gestação, chamando a atenção para as mesmas, mas sem excluir a possibilidade de participação do homem. No entanto, o grupo de pais, tem o intuito de criar um espaço masculino, para discussão dos mesmos. A frequência de mulheres sempre foi maior e a quantidade de dúvidas que levam também. A diversidade de mulheres que comparecem é grande, sendo aquela que já foi mãe e está gestante, pretendendo um parto natural humanizado, aquela que já foi mãe e está se empoderando para ficar gestante novamente, aquela que ainda será mãe pela primeira vez e aquela que está gestando pela primeira vez.

Os grupos de pais, exclusivos para homens, não tem um entrelaço entre eles, por sua força, apoio, vontade e determinação nos propósitos vêm aumentando conforme a abordagem e divulgação dos assuntos na roda. No entanto, por estarem em fase de desenvolvimento, ainda não conseguem discutir qualquer tipo de questão, mas mesmo assim um pai procura ajudar ao outro em determinado assunto ou dúvida.

Algumas dessas mulheres, por sua experiência de vida, conseguem esclarecer melhor suas ideias e pensamentos, outras expressam melhor os sentimentos, outras se deixam levar pela razão e dessa forma vão ocorrendo os debates. Isso mostra que independente do



momento ou situação adversa, elas se unem em prol do bem de outra mulher, principalmente daquela que quer ser mãe.

Os resultados das entrevistas mostram que todos tinham o desejo de ser pai, constituir sua família e ter seus filhos para poder cuidar e aproveitar cada etapa de sua vida. Desses pais, sete atingiram seus objetivos mais novos, três mais velhos com mais de 35 anos, mas nunca deixaram de estar presente nos processos gestacionais, do parto e no pós-parto, segundo relataram. Todos tinham as suas dificuldades, apesar de abordarem os diversos motivos, cinco com mais experiências, por terem mais de um filho e cinco com menos experiências, que tinham apenas um filho, mas todos tentando lidar com aquele momento, a fim de se doar, de dar o seu melhor, para fazer valer a pena cada etapa do processo, procurando aprender e demonstrando crescimento e maturidade com a mudança de vida. Nos grupos existem pais com mais e menos experiências, o que foi mostrado por Sócrates, em que essas pessoas contribuem nas dúvidas e ouvir outros pais para se auto avaliar e ter uma boa relação entre família, casa e trabalho.

Com todo esse contexto que envolve ser pai, uma das razões que ajudaram nesse período foi o fato da gestação ser desejada, fazendo com que se tenha maior adesão em participar, ou pelo menos conhecer o grupo, bem como ser aberto a conversas para relatarem suas experiências. Assim os grupos acabam aproximando mais esses pais através do envolvimento afetivo.

Para cada pai participante da entrevista, falar das percepções foi algo muito marcante, pois revivia a memória daquele momento e trazia uma mistura de sentimentos. Apenas três, dos dez entrevistados justificaram a questão de considerarem presentes na gestação. Como a maioria não explicou sua percepção, resumindo apenas a dizer se estavam ou não presentes, duas falas trouxeram como parâmetro que a presença ainda está relacionada aos cuidados médicos, muitas vezes, resumido a exames de pré-natal e ultrassom.

Embora todos participantes estivessem em pelo menos um encontro para pais em 2017 no Partejar Santista, participar dos grupos não foi por eles apontado como uma justificativa para serem ou não presentes na gestação. Conforme modelo de gestão, nas unidades de saúde, os horários de atendimento são incompatíveis com as jornadas de trabalho de muitos pais (BRASIL, 2016) e os grupos gratuitos poderiam ser uma forma de acolher e aumentar o envolvimento dos pais. Porém, entre os entrevistados, a presença pode ainda estar relacionada a cuidados médicos da gestante.

As falas mostram que os grupos trouxeram conhecimentos novos sobre o processo gestacional e parto, bem como orientações e trocas de experiências e mostrou que outros participantes também tinham pontos em comuns:

no que diz respeito à roda de pais, acho que muitas informações pra mim foram importantes, ou trocas de experiências, de saber que alguns temores que eu tinha, são comuns, compartilhados, que esse processo da gravidez, e a questão dos sentimentos são diferentes, em relação ao que a mãe sente e o que o pai sente.

Zirmerman (1997) trouxe que o interesse comum é uma característica dos grupos, pois dessa forma há interação afetiva dos participantes, estabelecendo um vínculo entre eles. O estudo mostra que os grupos vêm trabalhando a presença do pai desde o início, tendo em vista sua presença durante o período gestacional, e não apenas após o nascimento. Outro ponto destacado dos resultados foi as dificuldades e a importância dos pais na amamentação, e demonstraram que sua participação nos grupos, fizeram com que enfrentassem junto de suas esposas esse momento com apoios e incentivos, além de se preocuparem com as mesmas. Para eles compartilhar desses momentos com mais efetividade, discussão, entendimento, fez com que os ajudassem inclusive no processo do trabalho de parto.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo demonstrou que a participação paterna durante o processo de gestação, parto e pós-parto é fundamental para o envolvimento do pai com o bebê e com a mãe da criança. Embora o número de entrevistados seja baixo e todos fossem casados ou em união estável com as mães das crianças, as falas demonstraram que participar dos grupos melhorou inclusive o relacionamento com a esposa após a gestação a despeito das dificuldades enfrentadas.

Os grupos contribuíram para que os pais pudessem se expressar, tirar suas dúvidas, anseios e medos, a partir de troca de informações e conversas com aqueles que passaram ou estavam vivenciando aquele mesmo momento e com a ajuda dos que conduziam o grupo, buscando o cuidado integral de todos os envolvidos.

É preciso dar continuidade na pesquisa, ampliando o número de entrevistas com pais e avaliar outros espaços voltados aos pais. Novas análises são necessárias para entender as vivências dos pais dentro dos grupos, propondo novas questões ou descrevendo narrativas aprofundadas. A falta de relatos, histórias e vivências masculinas, bem como o restrito número de estudos sobre grupos de educação em saúde para pais na gestação e pós-parto ainda dificultam as ações de promoção em saúde durante o ciclo gravídico puerperal no SUS, tradicionalmente, centralizadas na figura materna.

## 8. BIBLIOGRAFIA

ALEXANDRE A.M.C; MARTINS M. A vivência do pai no trabalho de parto e parto. *Cogitare Enfermagem*, v.14, n.4. 2009.

ALVARENGA, P.*et al.* As relações entre depressão materna e relatos maternos acerca do envolvimento paterno: um estudo longitudinal. *Temas psicol.*, Ribeirão Preto, v. 24, n. 3, p. 911-925, set. 2016.

ÁVILA, A.A. Socorro doutor: atrás da barriga tem gente. São Paulo: *Atheneu*; 1999.

BORTONI-RICARDO, S.M. O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: *Parábola Editorial*, 2008.

BRASIL, Ministério da Saúde. Guia do Pré-Natal do Parceiro para Profissionais de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2016.

BRASIL, Lei nº 11.108, de 7 de abril de 2005.

BRASIL, Ministério da Saúde. Pré-natal e puerpério, atenção humanizada e qualificada. Brasília: MS; *Manual Técnico*, 2006.

BUZELLO C.S.; JESUS G. Cuidando de gestantes e acompanhantes em busca da humanização [dissertação]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; 2004. 276f, 2004.

CASTOLDI, L. A construção da paternidade desde a gestação até o primeiro ano do bebê. *Tese de Doutorado Não-Publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

CASTOLDI, L.; TONANTZIN R.G.; LOPES R.C.S. "Envolvimento paterno da gestação ao primeiro ano de vida do bebê." *Psicologia em estudo* 19.2, 2014.

COSTA, R.G. Reprodução e gênero: paternidades, masculinidades e teorias da concepção. *Rev. Estud. Fem.* 10(2): 339-356, 2002.

PAPAI, Instituto. Homens também cuidam! Diálogos sobre direitos, saúde sexual e reprodutiva, paternidade e relações de cuidado. / Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) e Instituto PAPAI. Recife: *UNFPA ; Instituto PAPAI*, 2007.

MAGNONI REBERTE, L.; KOMURA HOGA, L.A. A experiência de pais participantes de um grupo de educação para saúde no pré-natal. *Cienc. enferm.*, Concepción , v. 16, n. 1, p. 105-114, 2010.

MINAYO, M C S. O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 8ª ed. São Paulo: *Hucitec*; Rio de Janeiro: *Abrasco*, 2004;

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Assistência pré-natal: Manual técnico. 3º ed. Brasília: *Secretaria de Políticas de Saúde; SPS/Ministério da Saúde*, 2000.

MOTTA, C.C.L. *et al.* O pai no parto e apoio emocional. *Cadernos de Psicologia e Educação*, v.15, n. 30, 2005.

MOTTA, C.C.L.; CREPALDI, M.A. O pai no parto e apoio emocional: a perspectiva da parturiente. *Paidéia (Ribeirão Preto)* [online], vol.15, n.30, pp.105-118, 2005.

OLIVEIRA A.G.; SILVA R.R. Parto também é assunto de homens: uma pesquisa clínicoqualitativa sobre a percepção dos pais acerca de suas reações psicológicas durante o parto. *Interação Psicol* [Internet] 16(1):113-23. 2012.

PEDREIRA, M.; LEAL, I. Terceiro trimestre de gravidez: expectativas e emoções sobre o parto. *Psic., Saúde & Doenças*, Lisboa, v. 16, n. 2, p. 254-266, set. 2015.

PERDOMINI, F.R.I.; BONILHA, A.L.L. A participação do pai como acompanhante da mulher no parto. *Texto contexto - enferm.* [online], vol.20, n.3, pp.445-452, 2011.

PESAMOSCA L.G.; FONSECA A.D.; GOMES V.L.O. Percepção de gestantes acerca da importância do envolvimento paterno nas consultas pré-natal: um olhar de gênero. *Rev. Min. Enferm.*;12(1): 182-188, jan./mar., 2008.

PICCININI, C.A. *et al.* O envolvimento paterno durante a gestação. *Psicol. Reflex. Crit.* [online], vol.17, n.3, pp.303-314, 2004.

PICHON-RIVIÈRE, E. O processo grupal. 6ª ed. São Paulo: *Martins Fontes*; 2000.

RIBEIRO, C.R.; GOMES, R.; MOREIRA, M.C.N. A paternidade e a parentalidade como questões de saúde frente aos rearranjos de gênero. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro , v. 20, n. 11, p. 3589-3598, nov. 2015.

RIOS, C.T.F.; VIEIRA, N.F.C. Ações educativas no pré-natal: reflexão sobre a consulta de enfermagem como um espaço para educação em saúde. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, abr. 2007.

SALCI, M.A.*et al.* Educação em saúde e suas perspectivas teóricas: algumas reflexões. *Texto contexto - enferm.* [online], vol.22, n.1 [cited 2017-11-26], pp.224-230, 2013.

SILVA M.J.; LEMOS L. O pai grávido. *Ordem dos enfermeiros*, São Paulo, 2014.

SILVA, L.J.da; SILVA, L.R. da. Mudanças na vida e no corpo: vivências diante da gravidez na perspectiva afetiva dos pais. *Esc. Anna Nery*, Rio de Janeiro , v. 13, n. 2, p. 393-401, June 2009.

VIÇOSA, G.R. Grupos com gestantes. In: ZIMERMAN D.E.; OSÓRIO L.C. Como trabalhamos com grupos. Porto Alegre: *Artmed*; 1997.

WAGLÂNIA M.F.F.; Ana T.M.C.S. Sentir-se pai: a vivência masculina sob o olhar de gênero, *Cad Saúde Pública*. Jan; 23(1):137-45, 2007.

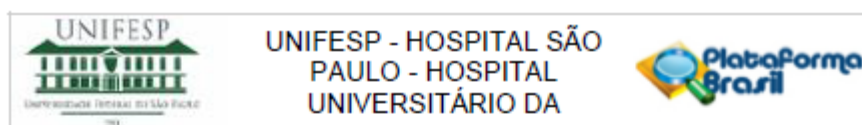
WITTKE, C.I. O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa. *Rev. bras. linguist. apl.* [online], vol.10, n.3 [cited 2017-11-28], pp.807-814, 2010.

ZAMPIERI, M.F.M. Orientações para o pré-natal: texto didático para a graduação e especialização em enfermagem obstétrica. Florianópolis: *CCS/UFSC*; 2003.

ZIMERMAN D.E. A importância dos grupos na saúde, cultura e diversidade. *Vínculo Dez*, 2007.

ZIMERMAN D.E. Classificação geral dos grupos. In: ZIMERMAN D.E.; OSÓRIO L.C. Como trabalhamos com grupos. Porto Alegre: *Artmed*, p. 75-81, 1997.

## ANEXO 1 – Aprovação no Comitê de Ética



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Abraço seu mundo: tecendo redes de apoio social ao ciclo gravídico-puerperal

**Pesquisador:** Fernanda Flávia Cockell Silva

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 78025717.4.0000.5505

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 2.351.202

#### Apresentação do Projeto:

Projeto CEP/UNIFESP n: 1206/2017

Compreender a realidade da rede de apoio social materno-infantil de Santos contribuirá para que o princípio da intersetorialidade da rede cegonha possa ser alcançado, permitindo maior cuidado em saúde para gestantes, puérperas e recém-nascidos, principalmente, entre aqueles em vulnerabilidade social. Além disso, a identificação e análise das iniciativas gratuitas dos grupos de apoio ao ciclo gravídico puerperal impactam diretamente nos fluxos de demanda dos serviços de saúde, ao ampliar as ofertas de ações e atividades de promoção à saúde para a população. Esta pesquisa tem como forma de abordagem o método quanti-qualitativo. O estudo será desenvolvido segundo pressupostos da metodologia de análise de redes sociais, sendo explorada por meio do instrumento denominado "Gerador de Nomes e Qualificador da Relação" (GNQR), tendo como locus a cidade de Santos-SP e como campo inicial os profissionais do Partojar Santista. Será realizado o levantamento inicial dos grupos existentes, de suas trajetórias de formação/constituição, suas estruturas, ideologias, possíveis lideranças ou coordenadores, atividades desenvolvidas, periodicidade, público e propostas. Além das entrevistas abertas, a proposta é avaliar a funcionalidade dos pais que foram acompanhados pelos grupos ou que utilizam uma das técnicas de vínculos parentais sem participarem de nenhum grupo de apoio, buscando compreender os impactos das ações de apoio na funcionalidade, no aleitamento materno prolongado, na redução da violência obstétrica e no incentivo ao parto humanizado. Para efeito de comparação, o projeto

**Endereço:** Rua Francisco de Castro, 55  
**Bairro:** VILA CLEMENTINO **CEP:** 04.020-050  
**UF:** SP **Município:** SÃO PAULO  
**Telefone:** (11)5571-1062 **Fax:** (11)5539-7162 **E-mail:** cep@unifesp.edu.br



Continuação do Parecer: 2.351.202

fará entrevistas com pais da região que apenas frequentaram o consultório médico durante o pré-natal e no pós-parto contaram apenas com o auxílio médico do pediatra e não utilizaram nenhum das técnicas de vínculo parental propostas (sling, shantala ou ofurô). A verificação de cunho quantitativo permitirá avaliar a forma como a estrutura – determinada pela quantidade de pessoas (ou instituições) e de ligações entre elas, composição e localização – afeta a dinâmica da rede de apoio social ao ciclo gravídico puerperal em Santos..

#### Objetivo da Pesquisa:

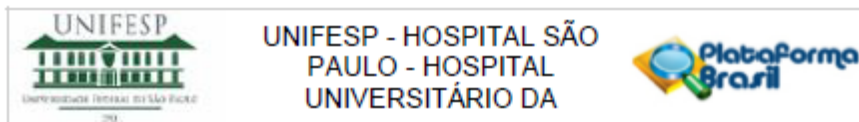
-Hipótese: Os grupos de apoio durante o ciclo gravídico-puerperal permitem a troca de informações e melhoram a funcionalidade dos participantes. Acredita-se que além das trocas de informações, os grupos de apoio, compartilham informações sobre técnicas que podem auxiliar a construção de vínculos, como sling ou babywearing, banho de ofurô e shantala e na redução dos efeitos da extergestação, proporcionando vínculo afetivo entre pais e bebê, favorecendo a amamentação exclusiva nos primeiros seis meses e prolongada até no mínimo dois anos.

-Objetivo Primário: Analisar a rede de apoio social ao ciclo gravídico puerperal no município de Santos e a percepção dos usuários e profissionais envolvidos sobre os grupos, suas contribuições e apoios.

-Objetivo Secundário: I. Mapear a rede de apoio social ao ciclo gravídico puerperal no município de Santos. II. Identificar e analisar os fluxos relatados pelos profissionais dos grupos de apoio e as construções simbólicas e sociais. III. Descrever as ações e atividades relacionadas ao ciclo gravídico puerperal ofertadas gratuitamente nos grupos de apoio, segundo as vivências dos profissionais/voluntários que atuam no cuidado a gestação, parto e pós-parto. IV. Analisar as percepções das mães, parceiros(as) e cuidadores sobre as potências dos grupos de apoio e das informações/técnicas divulgadas, segundo raça, gênero, profissão e classe social. V. Avaliar a percepção das mães apoiadas pelos grupos de apoio após o retorno ao trabalho, buscando identificar as dificuldades enfrentadas, as relações de trabalho estabelecidas após se tomarem mães, as dificuldades, as mudanças ocorridas, segundo gênero, raça, profissão e classe social. VI. Analisar as percepções dos profissionais sobre as potências dos grupos de apoio e das informações/técnicas divulgadas. VII. Avaliar a funcionalidade dos participantes dos grupos nas diferentes fases do ciclo gravídico puerperal. VIII. Perceber as relações entre os grupos locais pesquisados (Santos), com as ações regionais (Baixada Santista) e com o global (transnacional e supranacional). IX. Desenvolver um website que contenha informações atualizadas sobre as redes existentes, evidências científicas, programação semanal e disponibilizar de forma acessível e

Endereço: Rua Francisco de Castro, 55  
Bairro: VILA CLEMENTINO CEP: 04.020-050  
UF: SP Município: SAO PAULO  
Telefone: (11)5571-1062 Fax: (11)5539-7162 E-mail: cep@unifesp.edu.br





Continuação do Parecer: 2.351.202

segura para a comunidade, alunos, profissionais e gestores.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Em relação aos riscos e benefícios, o pesquisador declara:

**Riscos:** Os riscos existentes são relacionados a possibilidade dos participantes se sentirem constrangidos por fornecerem informações, não existindo risco direto para a saúde dos mesmos. Ressaltamos que esta pesquisa não envolve procedimentos invasivos. Há possibilidade de risco, porém são mínimos. Destacamos como os principais: a possibilidade do profissional ou pais ficarem ansiosos diante das questões ou mesmo preocupados com a garantia do sigilo. Os riscos existentes relacionam, portanto, com a possibilidade dos entrevistados sentirem constrangidos pelas informações dadas. Para garantia do sigilo, o participante será informado que seu nome não será divulgado, o pesquisador estará sempre a disposição dos participantes para eventuais dúvidas, maiores esclarecimentos e verificação do andamento da pesquisa. Caso seja necessária alguma citação dos nomes dos usuários participantes eles serão trocados por nome.

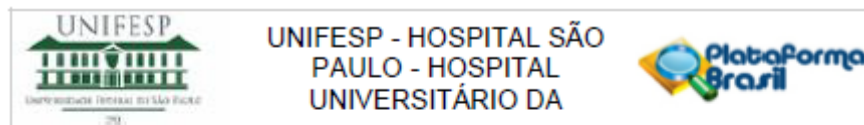
- **Benefícios:** O principal benefício da pesquisa é na compreensão das redes de apoio ao ciclo gravídico puerperal. Permitirá também a aproximação dos profissionais de saúde as ações gratuitas existentes e dará visibilidade ao projetos. Aos pais, permitirá que as ações possam ser avaliadas e suas funcionalidades identificadas

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Trata-se de projeto envolvendo os aluno de graduação, Aline Bernardes Alves; Ana Flavia Silvério de Oliveira; Lucas Bovolín Reis; Stefane Caroline Fernandes; Tais Guimarães De Araujo; Edilaine Márcio Cardoso; dos cursos de graduação de fisioterapia e psicologia da Universidade Federal de São Paulo, campus Baixada Santista. Projeto vinculado ao Departamento de Políticas Públicas e Saúde Coletiva, campus Baixada Santista, UNIFESP

**TIPO DE ESTUDO:** Esta pesquisa tem como forma de abordagem o método quanti-qualitativo. Trata-se de um projeto integrado, do tipo guarda-chuva, sendo desdobrado em outros (sub)projetos para responder às questões da problemática e aos objetivos específicos. Os (sub)projetos serão desenvolvidos por alunos de iniciação científica da Universidade Federal de São Paulo, campus Baixada Santista, com parte das atividades do grupo de pesquisa "Trabalho, Saúde e

Endereço: Rua Francisco de Castro, 55  
 Bairro: VILA CLEMENTINO CEP: 04.020-050  
 UF: SP Município: SAO PAULO  
 Telefone: (11)5571-1062 Fax: (11)5539-7162 E-mail: cep@unifesp.edu.br



Continuação do Parecer: 2.351.202

Funcionalidade" do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

**LOCAL:** Grupo Partejar Santista. O Partejar Santista, além do grupo em mídia social, possui um espaço presencial que realiza semanalmente grupos gratuitos na região para todas as fases do ciclo gravídico-puerperal, sem estar vinculado a nenhum equipamento de saúde.

**PARTICIPANTES:** Serão realizadas entrevistas abertas com os pais sobre a percepção do pré-parto, parto e pós-parto e com os profissionais dos grupos sobre as percepções sobre as ações realizadas. Profissionais 80; pais 200; mães 500. A amostragem será em "bola de neve" (snowball sampling) no qual os atores iniciais escolhidos pelos pesquisadores, indicam os próximos entrevistados.

-Critério de Inclusão: Grupos localizados na cidade de Santos com pelo menos uma ação gratuita aberta a pais durante o ciclo gravídico puerperal. Profissionais que atuam na cidade de Santos para além dos equipamentos formais de saúde.

-Critério de Exclusão: Serão excluídas da pesquisa todas as ações com taxas de inscrição, uma vez que o objetivo é mapear as ações intersetoriais existentes gratuitas que podem contribuir com as ações desenvolvidas pelos equipamentos de saúde. Serão excluídos da etapa de entrevista, os profissionais referidos pelos entrevistados que não atuam na cidade de Santos ou que deixaram de atuar por um período contínuo de um ano, sendo indicados no mapeamento, mas não sendo entrevistados já que não realizam no momento apoio presencial nos grupos locais.

#### PROCEDIMENTOS:

-O estudo será desenvolvido segundo pressupostos da metodologia de análise de redes sociais, sendo explorada por meio do instrumento denominado "Gerador de Nomes e Qualificador da Relação" (GNQR), tendo como locus a cidade de Santos-SP e como campo inicial os profissionais do Partejar Santista.

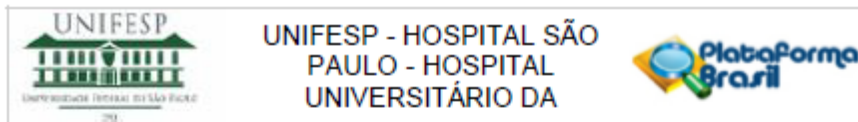
-Será realizado o levantamento inicial dos grupos existentes, de suas trajetórias de formação/constituição, suas estruturas, ideologias, possíveis lideranças ou coordenadores, atividades desenvolvidas, periodicidade, público e propostas.

-Na etapa seguinte, após o mapeamento da rede, será realizada a avaliação da percepção dos profissionais e dos usuários que participam dos grupos de apoio.

-Por fim, serão entrevistados pais que participaram dos grupos de apoio durante o ciclo gravídico puerperal para compreender como as ações realizadas e as redes sociais de apoio existentes contribuíram na construção de vínculos parentais, na amamentação prolongada e na humanização do parto.

-Além das entrevistas abertas, a proposta é avaliar a funcionalidade dos pais que foram

Endereço: Rua Francisco de Castro, 55  
 Bairro: VILA CLEMENTINO CEP: 04.020-050  
 UF: SP Município: SÃO PAULO  
 Telefone: (11)5571-1062 Fax: (11)5539-7162 E-mail: cep@unifesp.edu.br



Continuação do Parecer: 2.351.202

acompanhados pelos grupos ou que utilizam uma das técnicas de vínculos parentais sem participarem de nenhum grupo de apoio, buscando compreender os impactos das ações de apoio na funcionalidade, no aleitamento materno prolongado, na redução da violência obstétrica e no incentivo ao parto humanizado. Para efeito de comparação, o projeto fará entrevistas com pais da região que apenas frequentaram o consultório médico durante o pré-natal e no pós-parto contaram apenas com o auxílio médico do pediatra e não utilizaram nenhuma das técnicas de vínculo parental propostas (sling, shantala ou ofurô). Nesta etapa, será utilizada a Escala de Avaliação de Incapacidades da Organização Mundial de Saúde versão 2.0 (WHODAS 2.0).

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

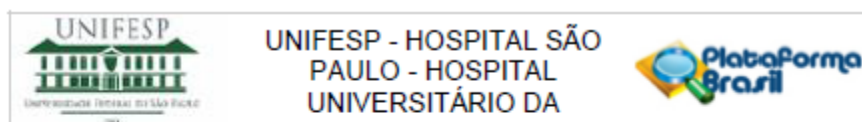
- 1- Foram apresentados os principais documentos: folha de rosto; projeto completo; cópia do cadastro CEP/UNIFESP, orçamento financeiro e cronograma apresentados adequadamente.
- 2-TCLE a ser aplicado aos participantes
- 3- outros documentos importantes anexados na Plataforma Brasil:
  - a)- cópia do cadastro CEP/UNIFESP (Pasta: Declaração de Instituição e Infraestrutura- Submissão 1; Documento: declaracaoinstituicao.pdf)
  - b)-confirmação de que a orientadora é servidora da UNIFESP (Pasta: Declaração de Pesquisadores- Submissão 1; Documento: docente\_cockell.jpg)
  - c)-declaração assinada pela orientadora, reconhecendo os alunos como seus orientandos (Pasta: Declaração de Pesquisadores- Submissão 1; Documento: declaracao\_alunas\_IC.pdf)
  - d)-roteiro das entrevistas e modelo do questionário (Pasta: outros- Submissão 1; Documento: entrevista\_profissionais.pdf; ENTREVISTAPAIS.pdf; entrevista\_maes.pdf; questionariowhodas.pdf)
  - e)-autorização da responsável pelo Grupo Partejar (Pasta: outros - Submissão 1; Documento: cartapartear.pdf)

**Recomendações:**

Sem recomendações

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Endereço: Rua Francisco de Castro, 55  
 Bairro: VILA CLEMENTINO CEP: 04.020-050  
 UF: SP Município: SÃO PAULO  
 Telefone: (11)5571-1062 Fax: (11)5539-7162 E-mail: cep@unifesp.edu.br



Continuação do Parecer: 2.351.202

Aprovado

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Parecer do relator acatado pelo colegiado

O CEP informa que a partir desta data de aprovação, é necessário o envio de relatórios parciais (anualmente), e o relatório final, quando do término do estudo

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_955490.pdf	27/09/2017 19:56:13		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura	projetoabracesumundo.pdf	27/09/2017 19:55:15	Fernanda Flávia Cockell Silva	Aceito
Investigador	cartapartejar.pdf	27/09/2017 19:47:48	Fernanda Flávia Cockell Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcleabracesumundo.pdf	27/09/2017 19:46:35	Fernanda Flávia Cockell Silva	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracaoinstituicao.pdf	27/09/2017 19:45:44	Fernanda Flávia Cockell Silva	Aceito
Folha de Rosto	folharosto.pdf	27/09/2017 19:44:43	Fernanda Flávia Cockell Silva	Aceito
Declaração de Pesquisadores	docente_cockell.jpg	18/09/2017 13:43:08	Fernanda Flávia Cockell Silva	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracao_alunas_IC.pdf	18/09/2017 13:42:56	Fernanda Flávia Cockell Silva	Aceito
Outros	questionariowhods.pdf	18/09/2017 13:16:13	Fernanda Flávia Cockell Silva	Aceito
Outros	entrevista_maes.pdf	18/09/2017 13:15:51	Fernanda Flávia Cockell Silva	Aceito
Outros	ENTREVISTAPAIS.pdf	18/09/2017 13:14:19	Fernanda Flávia Cockell Silva	Aceito
Outros	entrevista_profissionais.pdf	18/09/2017 13:12:52	Fernanda Flávia Cockell Silva	Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	18/09/2017 13:11:43	Fernanda Flávia Cockell Silva	Aceito

Endereço: Rua Francisco de Castro, 55  
 Bairro: VILA CLEMENTINO CEP: 04.020-050  
 UF: SP Município: SÃO PAULO  
 Telefone: (11)5571-1062 Fax: (11)5539-7162 E-mail: cep@unifesp.edu.br



Continuação do Parecer: 2.951.202

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

SAO PAULO, 26 de Outubro de 2017

---

Assinado por:  
Miguel Roberto Jorge  
(Coordenador)

Endereço: Rua Francisco de Castro, 55  
Bairro: VILA CLEMENTINO CEP: 04.020-050  
UF: SP Município: SÃO PAULO  
Telefone: (11)5571-1062 Fax: (11)5539-7162 E-mail: cep@unifesp.edu.br

**ANEXO 2 – Carta de autorização do estudo**

Santos, 11 de Setembro de 2017

Eu, Bruna dos Santos Rubião responsável  
pelo grupo Partejar Santista autorizo que a pesquisa Abraça seu mundo:  
tecendo redes de apoio social ao ciclo gravídico-puerperal, coordenada pela  
Profa. Dra. Fernanda Cockell seja realizada com os pais e mães que  
participam dos grupos de apoio durante o ciclo gravídico puerperal.

Bruna dos Santos Rubião  
Assinatura do responsável



## APÊNDICE 1 – Entrevista com os pais

### ENTREVISTA COM OS PAIS

Nome:

Idade:

Profissão:

Escolaridade:

Quantidade de filhos, sexo e idades:

- 1) Você esteve presente durante o período gestacional?
- 2) Como foi participar desse período ao lado da sua esposa e filho(a)?
- 3) De que forma conseguiu contribuir nas dificuldades enfrentadas?
- 4) Você participou do pré-parto? Como foi participar do momento do pré-parto?
- 5) E do momento do parto? Como foi participar do momento do parto?
- 6) Quais as suas percepções sobre o momento do parto? Como se sentiu em relação a tudo que estava ocorrendo à sua volta naquele instante?
- 7) Durante o período pós parto, como contribuiu com o cuidado com sua esposa e seu filho(a)? Como foi lidar com essa nova fase?
- 8) Os grupos trouxeram algum tipo de apoio ou informação que te ajudou? Quais?
- 9) Gostaria de falar sobre algum momento específico que te marcou

## APÊNDICE 2 - TCLE

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário, em uma pesquisa sobre a “Abraça seu mundo: tecendo redes de apoio social ao ciclo gravídico-puerperal” coordenada pela docente Fernanda Flávia Cockell.

O objetivo da pesquisa é analisar a rede de apoio social ao ciclo gravídico puerperal no município de Santos. Serão realizadas entrevistas abertas, observações de campo, a aplicação da escala de avaliação de incapacidade e perfil sociodemográfico.

Você poderá desistir desta pesquisa a qualquer momento e retirar seu consentimento, sem que isso tenha qualquer consequência negativa para você. Asseguro que todas as informações prestadas por você são sigilosas, sendo utilizadas apenas para esta pesquisa acadêmica e para publicações acadêmicas, mantendo sempre o seu anonimato, ou seja, as informações obtidas serão analisadas em conjunto com as de outros voluntários e a divulgação das informações enfatizará somente o conteúdo relatado, não sendo revelado seu nome ou identidade pessoal. Dessa forma, a sua participação nesse estudo oferece risco mínimo.

Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo e também não há compensação financeira relacionada à sua participação.

Desde logo fica garantido o sigilo das informações e da imagem. Em caso de recusa, você não será penalizado(a) de forma alguma.

Se você tiver alguma pergunta para fazer sobre a pesquisa e sobre a sua participação, sinta-se à vontade para fazê-la em qualquer momento da pesquisa. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com:

Pesquisador Responsável: Fernanda Flávia Cockell.

CPF: 012.331.966-85. CREFITO 3: 39930 – F. Telefone para contato: (13) 981005889  
e-mail:fercockell@yahoo.com.br

Assinatura do pesquisador: \_\_\_\_\_

Consentimento da participação da pessoa como sujeito

Declaro ter discutido com o entrevistador sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNIFESP. Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

CPF: \_\_\_\_\_

Assinatura do sujeito: \_\_\_\_\_